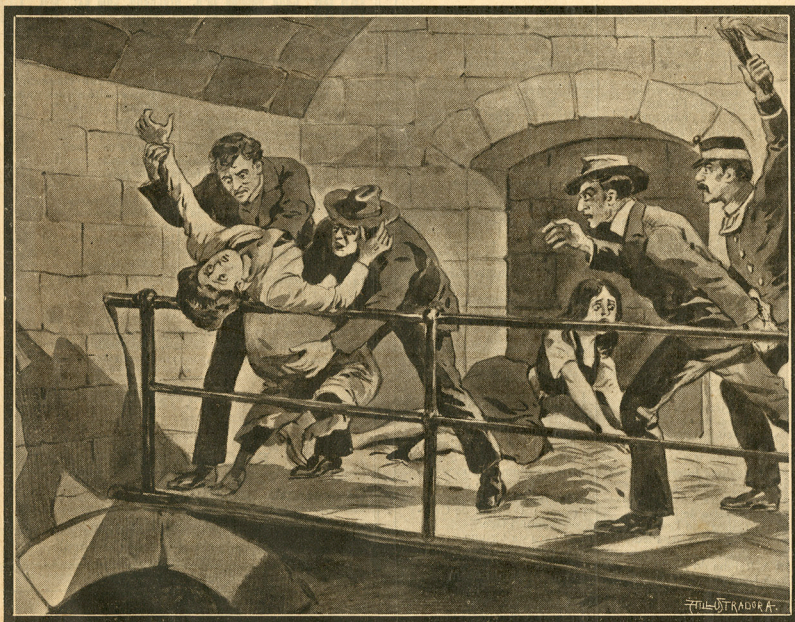




Aventuras extraordinarias d'um policia secreta

Os subterraneos de Vienna



— ILUSTRADOR A. —

EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA E SOUSA

COMPR. E IMP. NA EMP. LUSITANA EDITORA

C. DO FERREGIAL, 23, PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO

60
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
DA NOVELLA POPULAR

C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

Aventuras de Lord JACKSON

Volumes publicados a 60 réis cada

- 1 Crimes no palácio Jackson. 2 O osso duma perna 3 Evasão d'um malvado 4 Crimes impunes 5 Galvário d'um assassino 6 Um attentado terrorista 7 A creança martyr 8 Resgate sangrento 9 A falsa suicida 10 Um drama nas ruínas 11 Junto da Guilhotina 12 Jackson, em poder dos bandidos 13 O cão policia 14 O esqueleto vivo 15 Bandidos de casaca 16 A rainha dos apaches 17 Duas façanhas notáveis 18 Jackson envenenado 19 Ressurreição de Jackson 20 Sapatos de defuncto 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes 22 Mulheres policas. 23 Um milhão de francos. 24 As bravatas de um Yankée. 25 Corações torturados 26. O quarto dos mortos

— CADA NUMERO CONTÉM UMA OBRA COMPLEXA —

A NOVELLA POPULAR.



Aventuras extraordinárias d'um policia secreto

Numero publicados

- | | |
|---------------------------------------|---------------------------------------|
| 1 O Mercador de Cadaveres | 33 O Rapto do Morgadinho |
| 2 A Filha do Usurario | 54 A Vingança da Camorra |
| 3 O Crime d'um Jogador | 55 O Segredo do Sepulchro |
| 4 Incendio do Polo | 56 O Terror de Boston |
| 5 Rocabol, o Bandido | 57 Um Erro da Justica |
| 6 A Mala Sangrenta | 58 Victima da Innocencia |
| 7 O Noivo desaparecido | 59 O Segredo da Sonnambula |
| 8 A Virgem da Floresta | 60 Misterios d'um crime. |
| 9 O Roubo do diamante azul | 60 (Supp.) O Homem Invisivel |
| 10 Blackwell, o Pirata do Tâmis | 61 A Porta da morte. |
| 11 Os Voluntarios de Guise | 62 A Caca ao Homem |
| 12 O Faro de Sherlock Holmes | 63 O Medico Criminoso |
| 13 Os Moeiteiros Falsos | 64 Uma familia tragica |
| 14 O Outro Eu | 64 (Supp.) O aperto de mão fatal |
| 15 O thesouro do Negreiro | 65 Um drama na India |
| 16 O Kodak Traicoeiro | 66 O Segredo do pantano |
| 17 As Rendas da Rainha | 67 A Encarcerada |
| 18 Sombra e Luz | 68 O filho natural |
| 19 O Crime da Porta Saint-Martin | 68 (Supp.) A mulher dos olhos verdes. |
| 20 O Testamento Falso | 69 A Praga malidita |
| 21 Genio e Loucura | 70 Os companheiros do crime |
| 22 O Assassissimo Mysteroso | 71 A loucura do ciúme. |
| 23 As Joias Sangrentas | 72 O Rei da India |
| 24 O Phantasma do Castello de Milster | 73 O testamento do presidario |
| 25 Um Prego n'um Craneo | 73 (Supp.) Elixir magico |
| 26 Jack, o Estripador | 74 Alma negra |
| 27 A Caveira de Bronze | 75 O homem macaco |
| 28 O Assassissimo de Creanças | 76 A dama velada |
| 29 O Judeu Polaco | 77 Em volta d'um throno |
| 30 O Morto Ressuscitado | 77 (Supp.) Odio de mulher |
| 31 O Capitão Vermelho | 78 O contrabandista d'opio |
| 32 A Machina Infernal | 79 O Drama n'um balão |
| 33 O Ladrão Fidalgo | 80 Os bastidores do crime |
| 34 Gonçoco frs. de diamantes | 81 O carnaval em Colonna |
| 35 O Trapeiro de Paris | 81 (Supp.) O crime de Grosvenor Place |
| 36 Os Ciúmes do Lord | 82 A' caça da fortuna |
| 37 As Façanhas de Pied-de-Bœuf | 83 A prisioneira do campanario |
| 38 A Rainha do Ar | 84 O naufrágio do Corfú |
| 39 A Linda Irmã de Caridade | 85 Escola dos criminosos |
| 40 A Morte pelo Correo | 86 A tatuagem azul |
| 41 O Quadro Revelador | 86 (Supp.) A mão cortada |
| 42 O Punhal do Negus | 87 A sociedade dos 13 |
| 43 No Poiz da Espionagem | 88 Caçada nas trevas |
| 44 O Rei dos Contrabandistas | 89 O mercador de escravas. |
| 45 A Casa Tragica | 90 O thesouro do indio |
| 46 Os "Pyrampos de Nova-York | 91 Nupcias tragicas |
| 47 A Envenenadora de Castle Rock | 91 (Supp.) O Rapido do Aryzona |
| 48 O Forçado Martyr | 92 Os subterraneos de Vienna |
| 49 O Tumulo no Pharol | 93 O atleta desaparecido |
| 50 Paixão Fatal | 94 A ilha da peste |
| 51 A Torre Mysterosa | 95 O falsario |
| 52 Os Treze Apaches | 96 A viuva sanguinaria |

Genial e audacioso policia amador
O unico rival de SHERLOCK HOLMES

O LIVRO POPULAR

Collecção de romances dos melhores auctores
Romances de amor—Romances de aventuras—Romances
de capa e espada—Romances policiaes

100 Rs. Cada volume in-8.º brochado, com esplendida capa artistica Rs. 100

Volumes publicados

- | | |
|-----------------------------------|-------------------------------|
| 1. Enterrada viva* (Exg.) | 20. Um thesouro submarino |
| 2. O Mascara negra (Exg.) | 22. Um assalto n'um comboio |
| 3. Segredo do abysmo* | 23. Milagre d'amor* |
| 4. Castigo d'um falsario (Exg.) | 23. O apostolo de prata |
| 5. O amante da rainha* | 24. O falso policia |
| 6. O roubo das reaes ordens | 25. Entre os apaches de Paris |
| 7. Um thesouro n'um athaude | 26. O flagello errante. |
| 8. Um rival de Sherlock Holmes* | 27. Um galanteador Burlado. |
| 9. Uma aventura nocturna | 28. O herdeiro de Eagstone |
| 10. Um parisiense na Persia* | 29. A Mão Negra. |
| 11. Estratagemma d'um banqueiro | 30. Nas Ruínas de Messina |
| 12. O padre sangrento* | 31. O Alchimista |
| 13. O principe jogador | 32. O segredo do anel |
| 14. As catacumbas de Paris | 33. O thesouro de Siwa |
| 15. Amor e dinheiro | 34. O mutilador de creanças |
| 16. Vingança de Musolino* | 35. O Rei dos doidos |
| 17. O retrato da princeza | 36. O segredo do general |
| 18. Os diamantes do duque Norfolk | 37. R. 100 |
| 19. O mascara vermelha * | 38. O enigma indiano |
| | 39. O espião millionario |
| | 40. O presidente do banco |
| | 41. O sobrescripto azul |

* As obras marcadas com este signal não fazem parte das Proezas de Raffles.

A publicação das PROEZAS DE RAFFLES

O gato amador

alternará no Livro Popular com novellas d'outros auctores, seleccionadas com o maior escrupulo.

Proezas secretas do amor

peço dr. Jaf.

1 grosso vol. ed. de luxo e capa artistica 600 rs.

Novidade Litteraria

Acaba de ser publicado:

Os espinhos do adulterio
por Victorien du Saussay
1 volume 300

ACD
823/1
D598.99
P47 v. 4 no 92

Os subterraneos de Vienna

por Conan Doyle

CAPITULO I

A taberna dos criminosos

Em Vienna, a alegre capital da Austria, não existe bairro propriamente dito de criminosos, como ha em Paris, Londres e Berlim.

Mas isso não obsta a que haja menos criminosos em Vienna, do que em outra qualquer parte.

Os viennenses constituem um povo essencialmente bem humorado, tanto que a sua fama de alegres é quasi proverbial. Até os malvados e toda a legião de infelizes que com intenções mais ou menos perversas formam o que se chama a escoria da sociedade, se distinguem egualmente pelo seu caracter alegre.

Por desgraça Vienna é o refugio predilecto dos patifes que em podendo alcançar os estados dos Balkans dispondo de alguns fundos, podem viver com a mais absoluta tranquillidade.

E' certo que a policia da capital da Austria procede com um rigor que se não pratica em outros paizes e que está sabiamente organizada, exercendo uma vigilancia continua sobre os estrangeiros. Não é menos certo porém que os criminosos que praticam os crimes nas suas formas mais variadas e que fogem ao castigo correndo para outras nações, encontram sempre meio de zombar das melhores precauções policiaes.

Não faltam esconderijos na capital austriaca. A chamada Vienna subterranea, com os seus innumeros canaes, passagens e minas, com milhares de entradas e sahidas, offerecem um refugio bastante seguro aos criminosos. Os que teem motivos para temer a luz do dia, podem viver n'aquelles antros sem se preocuparem com as investigações da auctoridade de que só raras vezes conseguem dar-lhes caça.

Como se fosse pouco a segurança que os subterraneos lhes offerece, ha tambem um sem numero de tabernas onde encontram o mais apreciado refugio.

Uma d'essas tabernas, das mais frequentadas da capital, era conhecida pelo nome de «O Escalpelado Theodoro», titulo singular que recebera do seu dono, um antigo criminoso muito temido.

O «Escalpelado», assim chamavam os freguezes ao taberneiro, tinha pleno direito a ser conhecido por esse nome, pois seguramente poucos homens, nas luctas sustentadas contra a policia e os seus proprios companheiros, haviam recebido tantos ferimentos como o tal Theodoro. O corpo e o rosto apresentavam tão grande numero de cicatrizes que o seu aspecto era horroroso.

O taberneiro mettia medo. Não tinha um cabelo na cabeça, o couro cabelludo tinha-lhe sido arrancado.

Havia mais de dez annos que o homem tivera que soffrer a operação bem contra seu gosto. Na occasião de dividir um roubo, tinha atraçoados os seus companheiros com a boa intenção de obter a melhor parte, traição que valera aos seus cúmplices alguns annos de prisão. Mas apenas saíram d'ahi vingaram-se horivelmente do traidor, arrancando-lhe a pelle

da cabeça, e fazendo-lhe um golpe no nariz de cima até abaixo.

Praticada a façanha, os barbaros vingadores da sua honra de criminosos, abandonaram o traidor, convencidos de que ia morrer, tiveram porém de se convencer pouco depois que o velho matreiro tinha mais vida de que um gato. O desgraçado foi socorrido por algumas pessoas caritativas, e conduzido ao hospital onde se curou.

Logo que se restabeleceu voltou a denunciar os seus carrascos, que foram novamente presos, emquanto que o «Escarpelado» demonstrava que se podia viver perfeitamente sem pelle na cabeça e com as venetas abertas.

Mais ainda; o monstro deparou com uma companheira que se dispoz a compartilhar com elle os desgostos e pesares d'esta vida, ajudando-o no seu arduo trabalho da taberna, refugio de criminosos.

O «Escarpelado» tinha tambem uma filha de desesete annos, que, segundo se dizia, era uma formosura. Do mesmo modo que a caprichosa natureza fecunda o germen de uma delicada e formosa flor junto das agnas pestíferas de um pantano, assim fizera crescer no antro do vicio uma preciosa flor humana.

O «Escarpelado», cuja esposa teve a desgraça de morrer dando á luz Maria, unica filha d'aquelle singular matrimonio, não quiz conservar a pequena na taberna; tomou todas as precauções para que a creança crescesse pura e afastada do vicio. Para conseguir tão nobre fim, tivera que separar-se d'aquella á quem mais queria n'este mundo. Confiára-a aos cuidados de uma familia que vivia longe de Vienna para que cuidasse da sua educação. Não queria correr o risco de se ver desprezado pela sua propria filha. Maria, que como já dissemos, contava então desesete annos, nunca lá procurar o pae e era elle que a visitava de vez em quando.

Os paes adoptivos da creança, que a adoravam como se fosse sua propria filha, não sabiam que educavam a filha de um criminoso. O «Escarpelado» conseguira fazer crer á filha e aos paes adoptivos que caíra um dia nas mãos de criminosos que o haviam desfigurado áquelle ponto...

A taberna do «Escarpelado» distava bastante do centro da povoação.

Eram quasi dez horas da noite.

Geralmente, áquella hora, a taberna que se distinguia pelo mais requintado azeite, estava quasi de-

serta. Era a hora do trabalho para aquelles que usualmente a frequentavam; n'essa capital os theatros fecham ás dez horas da noite e os espectadores dirigem-se depois do espectáculo para os restaurantes.

Comtudo, os gatunos e os assassinos, freguezes assíduos da taberna, não tinham necessidade de exercer a sua industria n'aquella noite. Apparecera um homem generoso que offereceu um banquete aos seus companheiros de officio.

Os camaradas estavam conversando alegremente. —E' um rapaz sympathico esse inglez! exclamou uma jovensinha, em cujo rosto se viam estampados os signaes do vicio e da vergonhosa profissão a que se entregava.

—Com effeito, Navi, retrucou uma mulher obesa com modos masculinos. Era conhecida pelo nome de «Bomba». Tens razão, mas é pena que esse imbecil se apresente aqui tão poucas vezes, e que se retire immediatamente.

«Estou convencida de que esse passaro possui montes de ouro, e desejava bem fazer algum negocio com elle. mas o pateta desaparece antes que se lhe possa dirigir uma palavra.

«O que queria era saber o que pretende esse figurão que parece ser um verdadeiro lord...

—Olá, amigos! exclamou um *apache* que acabava de entrar e parecia muito bem disposto. Vão saber agora como a «Bomba», passou alguns mezes em Inglaterra, em um grande castello como prometida de um lord. Estava prestes a converter-se em *lady*, mas o seu bom coração e os escrúpulos que todos lhe conhecemos, fizeram-n'a comprehender por fim que era indigna pelo nascimento e pela sua vida passada, de fazer parte de uma familia aristocratica.

As palavras do recém-chegado eram ditas em tom de troça e com intenção de molestar aquella a quem eram dirigidas. O *apache* proseguiu:

—Não conhecem esta historia? Digam-lhe que a conte.

«Não tem necessidade de o dizer duas vezes, pordue a «Bomba» gosta de mentir e de falar de Inglaterra com todos os detalhes, embora nunca tivesse saído de Vienna, a não ser para passar uma temporada de verão em algum presidio.

Uma gargalhada geral acolheu essa graça, mas não era essa a unica recompensa que estava reservada ao seu auctor.

Sobre uma meza achava-se um prato cheio de mostarda, porque em Vienna não se usa servir-a em frascos, mas sim em pratos.

A «Bomba» pegou no prato a que nos referimos e com cega furia arremessou-o á cara do trocista.

—Ah! tens, indecente farcista; ponho-te mostarda na cara para vêr se te desaparecem as cicatrizes.

Não terás necessidade de procurar os curandeiros, e poderás gastar o dinheiro a presentear a Lola.

Outra gargalhada geral acolheu esta segunda graça, demonstrando que a «Bomba» tinha tocado em um ponto melindroso da vida do farçante. Todos sabiam que aquelle rapaz em cujo rosto se viam inúmeras cicatrizes, era tão vaidoso e nescio que dava dinheiro sem conta a charlatães que lhe prometiam tornar a pelle fina e macia como a de uma lady. Sabiam também que fazia passar fome á sua companheira, embora a infeliz fosse tuberculosa e não o podesse ganhar.

O apache tratou de limpar os olhos e dispoz-se a lançar-se sobre a enorme mulher.

Vendo que alguns dos espectadores se mettiem na contenda, tratando de segurar o furioso, a mulher exclamou:

—Para que o deteem? Deixem-n'o aproximar. Dar-lhe-hei uma fricção no rosto com azeite e vinagre, juntamente com sal e pimenta. Larguem-n'o rapazes, porque se isso não bastar atiral-o-hei para o subterraneo onde os ratos lhe farão companhia.

N'aquelle momento ouviu-se uma voz forte dizendo:

—Boas noites, rapazes. Mas o que é que estão aqui a fazer?

«São já dez horas e conservam-se tão socegados como se em Vienna não houvesse a estas horas quem levasse dinheiro de mais nas algibeiras.

Toca a levantar; todos para a rua, para o trabalho. Se d'aqui a trez minutos se encontrar um só que seja, falar-lhes-hei de outra maneira. Já me conhecem e sabem que não sou amigo de caçoadas.

De facto, os assistentes deviam conhecer aquelle que lhes falava e que era o próprio «Escalpelado» porque todos se levantaram dispostos a cumprir as suas ordens.

O «Escalpelado» viu que o patife tinha a cara cheia de mostarda e perguntou o que significava aquella estranha mascara ao que a «Bomba» retorquiu:

—Escuta; para o futuro será conveniente não pôres tanta mostarda na mesa. A este mancoço os charlatães tem dito que deve friccionar o rosto com mostarda para amaciar a pelle. Aviso-te porque parece que o rapaz tomou tanto a peito o conselho, que não vae ganhar bastante para mostarda...

Os patifes saíram da taberna rindo ás gargalhadas e dirigindo-se para a cidade.

A «Bomba» caminhava menos apressada que os seus companheiros e quando estes se afastaram voltou para traz, entrando na taberna, não pela porta da rua, mas por outra que ia ter directamente ao pateo.

—Hei de saber o que este inglez tem que tratar com o «Escalpelado» e porque motivo nos manda para

a rua quando recebe a visita d'esse *gentleman*. Parece-me suspeito o typo. Felizmente o «Escalpelado» não sabe que conheço a entrada secreta para o subterraneo maldito d'onde não ha saída possivel.

A enorme creatura havia desaparecido na escuridão do pateo.

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

CAPITULO II O matrimonio secreto

O celebre criminalista Sherlock Holmes havia chegado a Vienna para averiguar ahi o paradeiro da filha de lady Worthington.

Havia pouco mais de um anno que a joven tinha confessado a sua mãe que estava casada secretamente, e que o marido era um engenheiro que estava então em Vienna, e que pedia com insistencia para que sua joven esposa o seguisse.

A mãe da joven ficou tão surprehendida como aterrada com esta confissão da filha, de nome Moly, mas por muito que insistisse não lhe foi possivel obter detalhe algum. A joven encerrava-se no maior mysterio, limitando-se a responder:

—Não insistas nas tuas perguntas, querida mãe; uni o meu destino ao d'esse homem, e tenho de soffrer as consequencias. Não posso, não devo dar-lhe mais detalhes.

«Meu esposo escreveu-me para ir ter com elle, e não tenho outra coisa a fazer senão attender ao seu pedido que é muito justo. Hei de ir, porque além de ser esse o meu dever, esse homem sabe conseguir o que quer sem empregar muitas palavras.

«Deixe-me partir, querida mãe, e espero que tudo se realizará da melhor maneira.

Era tão enérgica a attitudo da filha, que a pobre mãe teve que se resignar a vê-la partir.

Moby Worthington, como se chamava então a senhora de Alois Meuzel, entrara na posse da sua fortuna por morte do pae, lord Worthington. Este, que vivera muito feliz com sua esposa apezar de muito mais nova do que elle, fez um testamento especial assegurando uma fortuna á mãe e á filha, afim de que a primeira, se tornasse a casar, pudesse fazer o sem ter necessidade de pedir conselho aos tutores da filha, nem ter qualquer discussão por causa da herança.

Lady Worthington porém, longe de pensar em contrahir segundo matrimonio, consagrou-se unicamente á educação da filha.

E essa joven acabava de proporcionar a sua aman-

tíssima mãe a maior dôr que é possível imaginar-se, enganara-a e abandonava-a. Seria portanto, para extranhar, que a viuva, ainda nova, tivesse cedido ás sollicitações de um cavalheiro que possuía um nome respeitado e que parecia ser um *gentleman* em toda a acção da palavra?

Passado algum tempo lady Worthington recebeu uma carta da filha annunciando-lhe a sua feliz chegada a Vienna.

Moby pedia a sua mãe que liquidasse quanto antes uma grande parte da sua fortuna que lhe pertencia, pois apresentava-se a seu marido occasião para se associar n'um negocio muito lucrativo.

A mãe remetteu á filha a quantia pedida.

A esta primeira carta seguiram-se outras com pequenos intervallos, mas cujo contheudo era sempre o mesmo; dinheiro, e mais dinheiro.

Depois da joven ter levantado d'esta maneira duas terças partes da herança, lady Worthington formou o projecto de visitar a filha em Vienna, e dispunha-se a pôl-o em pratica, quando se apresentou um obstaculo inesperado.

O obstaculo procedia do amante da viuva. Lord Cunningham negava-lhe licença para a viagem, e quando lady Worthington lhe declarou que não admitia ordens e que tinha plena liberdade para fazer o que quizesse, o amante, que até ali se apresentára sempre como um homem de bem, deu a conhecer o seu verdadeiro character, era violentissimo e irascivel.

A viuva teve de reconhecer com grande espanto que tambem ella havia sido victima de um miseravel.

Tivera á fraqueza de acceder aos seus instantes rogos e concedera-lhe direitos que a envergonhavam. Sabia que o miseravel não guardaria consideração alguma e temia um escandalo publico.

Por fim, sacrificando a metade da sua fortuna que teve que entregar ao amante indigno, a viuva recuperou a sua liberdade. Immediatamente seguiu para Vienna afim de visitar a filha, mas recebeu a horrivel noticia de que a joven desaparecera.

No seu regresso procurou Sherlock Holmes, o amigo de todos os desgraçados. O generoso policia promettera-lhe ir á capital da Austria em busca de sua filha.

O criminalista tinha chegado a Vienna no momento favoravel para evitar um crime politico que uma servia, auxiliada por tres criminosos, estavam preparando e que teria tido gravissimas consequencias.

CAPITULO III

Um pacto entre criminosos

Logo que o ultimo dos freguezes saiu da taberna, o «Escalpelado» fechara cuidadosamente a porta e apagara as luzes. Em seguida dirigiu-se para o pateo afim de fechar tambem a portinhola por onde momentos antes entrara a «Bomba». A mulher apenas teve tempo para se occultar atraz de um pogo, porque se o taberneiro a visse, atiral-a-ia para a rua. Depois de se assegurar de que estava só com a visita, o taberneiro entrou n'um quarto que dava para o pateo, cuja porta fechou.

Esperava o ahi um mancebo que parecia inglez e vestia com elegancia. Estava sentado junto da janella.

O «Escalpelado» aproximou-se-lhe e disse,

—Não seria melhor tomarmos logar a uma mesa, Robin?

O inglez replicou em tom brusco:

—Fico aqui; não posso supportar o cheiro que tem a taberna, já me dóe a cabeça.

—Vejo que o senhor Robin se tornou muito sensivel; tem mudado deveras.

«Recordo-me perfeitamente que houve uma epocha em que aquelle que é hoje o sr. Robin, se achava muito contente quando podia refugiar se nos subterrâneos de Vienna. Sua Senhoria mettia-se até ao pescoço na immundicie das cloacas para escapar á perseguição dos policiaes.

Sem responder a estas palavras, Robin perguntou:

—Queria que me dissesse, «Escalpelado», por qué motivo continuás com este indecente negocio. Estou convencido de que deves ter ganho mais do que precisas, e que nem és capaz de gastar os rendimentos do capital.

«Se estivesse no teu logar, não faria nada e ainda menos me prestaria a auxiliar esse bando de maltrapilhos de toda a especie, arriscando-me a ter algum dia uma visita da policia.

«Não me é dado comprehender porque não te decides a sair d'aqui. O que succederá no dia em que as autoridades descobrirem o que aqui se passa? Para que terás então feito tantas economias? Julgas que serão para tua filha?... E' uma familia curiosa a tua! uma filha que não pôde saber quem é o pae, nem sequer estão ao facto do logar onde nasceu!...

Robin continuou em tom de zombaria até que o

taberneiro perdendo a paciência se ergueu furioso exclamando:

—Vê se te calas, infame, e se te mettes com a tua vida.

«Por acaso quiz saber alguma vez o que foi feito de tu amo lord Cuningham, e que meios empregaste para tomar o seu logar? Não te atrevas a criticar os meus actos, pois ambos temos muitos peccados na consciencia, ou do contrario vaes vêr o que te succede.

—Sim, já sei que a tua especialidade consiste em denunciar os teus companheiros, mas aconselho-te que tomes muito cuidado comtigo. Nem sabes do que sou capaz. Se não te posso arrancar a pelle do cráneo porque já a não tens, não faltam meios de te castigar. Conheces-me bem e sabes que não me contento em ameaçar.

«Mas vamos aos negocios e deixemos as discussões para outra vez. Pódes conservar a taberna, se isso te agrada, mas dize-me o que fez ella enquanto estive em Inglaterra.

—O que fez? Mostra-se teimoso como um burro, e diz que preferia morrer de fome a dar outra vez a sua assignatura.

—Olá! Olá! Diz então que prefere morrer de fome? Pois havemes de procurar outros meios para domesticar a pombinha.

«Em Londres os negocios correram-me melhor do que esperava, e se conseguir apoderar-me do resto da sua fortuna, terei então o necessario, mas não me convem perder muito tempo.

—Ouve, Robin, eu conheço um meio para convencer a pombinha.

—Qual é?

—Quanto pagas por elle; ou melhor ainda, quanto me darás se a obrigar a assignar o que quizeres?

O inglez conservou se um momento em silencio e disse sorrindo:

—E' um infame mas a mim não me enganas.

«Com certeza que já assignou e o que queres é fazer-me crêr que pódes conseguil-o para tirares d'ahi algum proveito. Já te conheço.

Sem responder o «Escapelado», ergueu se, aproximou-se de um armario, pegou n'uma lanterna que acendeu e n'um molho de chaves e por fim exclamou;

—Acompanha-me, Robin.

Os dois criminosos abandonaram o pateo.

Passaram deante do poço, sem notarem que estava alli uma pessoa escondida e dirigiram-se para um alpendre ao fundo do pateo onde desapareceram por uma porta.

Num canto do alpendre o taberneiro afastou alguns barris vasillos, caixotes e uma porção de objectos

inuteis. Inclinou-se para o sólo e levantando um alcapão tão dissimulado que seria impossivel descobri-lo, desceram.

A Bomba que os vigiava attentamente, acercou-se da abertura e viu os primeiros degraus de uma escada.

—E' este o segredo! murmurou. Apostava alguma coisa que se os fechasse aqui, eu teria nas minhas mãos.

Mas quem será essa mulher que tem aqui encerrada? Certamente alguma infeliz a quem os dois infames estão explorando.

Enquanto a mulher reflectia se seria melhor para seu interesse aproveitar a descoberta, encerrando os miseraveis com a sua victima, ou apanhar algum dinheiro ao «Escapelado», os dois tinham chegado ao fim da escada, onde Robin exclamou muito enojado!

—Graças ao diabo que chegámos; cinquenta vezes corri o risco de quebrar a cabeça n'esta horrivel escada e com essa luz tão pequena que se não vê dois palmos deante do nariz!

—Imbecill! retrucou o taberneiro. Como queres que a lanterna dê mais luz com este ar fetido? Se desejas, mando pôr illuminação electrica. Ou esqueces-te que estamos em um poço que conduz ás passagens subterraneas de Vienna? Talvez tambem te queixes que não cheira a jasmim nem a violetas?

De facto, o ar era tão infecto, que a respiração se tornava cada vez mais difficil.

Pouco depois chegaram a uma passagem tão estreita, que só podiam caminhar cada um por sua vez e com a cabeça inclinada para não tocarem na abobada.

No fim do corredor havia uma porta.

Depois de a abrir com uma das chaves que levava, desviou-se para um lado e disse ao seu companheiro:

—Agora, querido Robin, pódes cumprimentar tua formosa esposa e perguntar-lhe se quer assignar ou não.

Aos olhos do joven criminoso offereceu-se um espectáculo horrivel.

Junto da porta havia uma cova na terra, demasiado baixa para que algum se pudesse conservar ahi de pé, mas bastante larga para se poder estar deitado.

Tanto dos lados como do fundo a agua escorria; em cima de um pouco de palha meia podre, jazia uma mulher. N'aquelle acanhado espaço respirava-se um ar insupportavel.

Os olhos da infeliz, que deviam estar já habituada ás trevas, reconheceram immediatamente o homem que acabava de entrar, e soltando um grito de fera,

ergueu-se bruscamente, mas ao mesmo tempo caia gemendo.

Fôra tão forte a sua ira, que a infeliz esquecera que se encontrava n'um asqueroso buraco, e batera com a cabeça no tecto.

O homem permanecia impassivel encostado á porta.

—Sempre endiabrada a minha querida Moby, exclamou ironicamente. Visto termos tempo, esperemos socegradamente que Sua Excellencia deixe de ter essa attitude hostil e queira ser-nos agradável.

—Infame! miseravel! monstro! gritou a desgraçada. Prefiro que os meus ossos apodrecam aqui, a sacrificar o resto da minha fortuna proporcionando-lhe o meio de continuar a commetter barbaridades.

«Julgas, animal desprezível, que não comprehendis as tuas intenções? Quizeste roubar-me a minha fortuna e desgraçadamente já levaste duas parte. Tambem sei que me seguraste a vida em diferentes companhias é que esperas a minha morte para receber o bonito prego que tu mesmo puzeste á minha cabeça.

Mas se Deus quizer, não conseguirás o que desejas. Tomei as minhas precauções para o evitar. Ha de alcançar-te o castigo que mereces, pois fica sabendo que depositei uma carta no cartorio de um notario, que hade ser aberta logo após a minha morte. Atraveste a receber os seguros depois da minha morte e verás o que te succede. Vae-te, foge da minha presença, inspiras-me mais repugnancia do que os ratos que n'esta cova me roubam o pão. Elles fazem-no para viver, mas tu, é para te entregar ao vicio que é a tua unica divisa ..

A infeliz, que ajoelhara enquanto proferia estas palavras, tornou a cair prostrada pela fadiga. Voltou a cara para a parede afim de não ver aquelles malvados.

O miseravel soltou uma gargalhada forçada, e cravando os olhos malevalos na sua pobre victimia deixou cahir estas palavras:

—Bem se vê que teve uma educação verdadeiramente á ingleza, minha cara esposa, mas a sua energia e coragem quebram-se contra a minha decidida vontade.

«Com que então tomou todas essas precauções contra seu marido?

«E' muito prudente e sobretudo muito vingativa; mas eu ainda não disse a minha ultima palavra.

E dizendo isto acerrou-se mais da pobre mulher.

Esta estremeceu como se fosse tocada por um reptil repugnante, e levantando um pouco a sua pallida e descarnada fronte, ao mesmo tempo que dos olhos encovados lhe saia um clarão de odio, disse a custo.

—Pois se conhece a minha força de vontade, e mais ainda, o odio e repugnancia que por si sinto,

deve bem comprehender que não ha martyrio nenhum que me faça mudar de proposito. Não terá os documentos, porque nunca saberá onde os depositei; pode matar-me, mas esse segredo acompanhar-me-ha na eternidade.

«O resto da minha fortuna não lhe irá parar ás mãos, e esse já é o principio do castigo que a Providencia reserva aos criminosos, como o homem a quem tive a infelicidade de esviar-me. E' esta tambem a minha ultima palavra.

Agora, miseravel assassino, conclua a sua abominavel tarefa. Liberte-me d'esta vida de martyri, e será esta a unica acção boa que esse toda a sua vida tem praticado.

E dizendo isto tomboru inanimada na sua infecta repuctura.

Robin retrocedeu, dando uma gargalhada, mas o «Escarpelado» observou que o riso era forçado e que o verdugo rangia os dentes de raiva.

Depois do taberneiro ter fechado a porta da immunda e hedionda cova, perguntou ao seu companheiro.

—Estás convencido? O que me dás se conseguir domar a fera? Bem vejo, querido Robin que estás furioso e que aneias por sair d'aqui, mas tambem não ignoro que és muito avaro para abandonar a presa.

«Quem sabe o que terás feito em Inglaterra? Não foi sem motivo que voltaste tão depressa a Vienna!

«Por quanto seguraste a vida de tua mulher? Deves comprehender que é uma boa quantia que te escapa devido á prudencia da rapariga!

«Terminemos; quanto me dás se dentro de vinte e quatro horas, Moby estiver disposta a assignar qualquer documento? Bem deves suppôr que te ha de sair bastante caro, pois não hade ser de graça que te vou tirar as castanhas do lume.

—Subamos, suffoco aqui. Lá em cima falaremos.

—Suffocas? Ha de ser de raiva pela tua derrota. Amigo, ainda não conseguiste conhecer as mulheres; são muito expertas.

Os dois criminosos chegaram ao paeo. Ignoravam naturalmente que as ultimas palavras do «Escarpelado» tinham sido ouvidas por alguém que espiava e que murmurou:

—E tu, infame, julgas conhecer as mulheres? Pois vou ensinar-te alguma cousa que ainda ignoras.

CAPITULO IV

A primeira pista

Sherlock Holmes tinha procurado informar-se do paradeiro do engenheiro Meuzel, cuja esposa havia

desaparecido, mas apezar das autoridades terem conhecimento do caso, não poudo saber mais do que lhe dissera a mãe da infeliz.

Lady Worthington espalhara dinheiro ás mãos cheias para adquirir algumas informações acerca do supposto engenheiro, e como o dinheiro abre todas as portas e solta todas as linguas, as agencias de informações tinham-lhe communicado tudo quanto fôra possível averiguar.

Alois Meuzel vivia n'um terceiro andar de um predio perto da praça de Otak. A policia não tinha perdido tempo e logo depois de ser informada do desaparecimento da desventurada senhora mandou vigiar a casa de tal modo que Meuzel não podia sair sem ser seguido de perto.

Não obstante, Sherlock Holmes sabia que nada se averiguara.

O engenheiro, pois como tal se apresentara Meuzel em Vienna, amplamente provido de documentos e diplomas, dedicava-se apparentemente aos seus negocios com grande assiduidade, e voltava muito cedo para casa.

Sherlock Holmes, que sabia por experiencia o que valia a vigilancia das autoridades, decidiu-se a trabalhar por sua conta seguindo o engenheiro.

Graças á intervenção do chefe da policia, Harry Taxon recebeu um uniforme completo de empregado dos telegraphos. Uma noite, pouco antes das dez horas, quando os policia sabiam que Meuzel havia regressado a casa, foi o supposto empregado dos telegraphos entregar-lhe um telegramma.

Sherlock Holmes costumava empregar esta medida de precaução quando se tratava de um caso d'aquella importancia para não despertar recios ao interessado, no caso de se encontrar em casa.

Se recebia o telegramma cujo contheudo era naturalmente incomprehensivel para a pessoa a quem era dirigido, tudo se reduzia a um erro de um telegraphista.

Como tantas outras vezes, a medida foi efficaz.

O empregado dos telegraphos, zeloso no cumprimento da sua missão, puxou a campainha pela segunda e terceira vez, vendo que ninguem respondia, e fê-lo com tanta violencia, que mesmo suppondo que Meuzel estivesse a dormir, havia de ouvir as fortes campainhadas.

O caso porém era que o engenheiro, que segundo os agentes affirmavam, se encontrava em casa, não acordava ou pelo menos fazia-se surdo.

Portanto Harry não teve outro remedio senão reindir-se sem entregar o telegramma. Quando chegou esá esquina da rua, encontrou o mestre que ali o esperava.

—Que succedeu, Harry? Meuzel não está em ca-

sa, não é verdade? Já o tinha pensado, e tenho a certeza que o patife se utiliza d'esta casa da esquina para entrar e sair da sua residencia. Os telhados são todos da mesma altura d'este lado, emquanto que o predio da esquerda é quatro metros mais baixo. Mas vem connigo e vejamos o que succede.

Passados momentos o mesmo empregado dos telegraphos achava-se novamente em frente da porta da residencia do engenheiro, e pela segunda vez tocava fortes campainhadas.

—Basta, Harry. Se continuas a fazer tanto barulho, vaes acordar os visinhos o que é conveniente evitar.

«Creio que poderemos fazer-lhe uma visita com plena certeza de o não encontrarmos em casa.

Sherlock Holmes que tirara uma chave da algebeira, abriu a porta.

—Harry, vigia com attenção a escada da agua-furtada, pois não gostava nada de ser surpreendido pelo patife. Comprehendes?

Harry subiu a escada emquanto o policia, de revolver em punho, penetrava na casa.

Poucos momentos depois Sherlock Holmes achava-se convencido de que a casa estava deserta.

Já que se encontrava ali, o policia não se contentou em saber que o passaro tinha voado, e aproveitou a sua visita para ver se encontrava documentos ou provas que accusassem o homem que saia de casa saltando pelos telhados.

Por muito que procurasse, nada encontrou. Nem o minimo indicio por onde se pdesse inferir que o engenheiro conhecia o paradeiro de sua esposa.

Sherlock Holmes chamou o ajudante que estava vigiando a escada, e ambos saíram de casa.

O celebre criminalista havia tomado as maiores precauções para não deixar o menor vestigio da sua visita nocturna; pelo menos assim julgou ter feito.

Mais tarde teve de se convencer que se equivocára.

Sherlock Holmes não quiz avisar as autoridades de que aquelle de quem suspeitava abandonava o seu domicilio valendo-se do meio pouco usado, de saltar pelos telhados. Não ignorava que n'este caso os agentes teriam detido Meuzel o que não convinha ao policia, pois interessava-o saber onde elle passava as noites.

Embora a hora fosse já adeantada para semelhantes averiguações, decidiu-se a voltar ao hotel.

Disse ao policia encarregado da vigilancia da casa, que Meuzel estava effectivamente em casa.

Segundo o plano que o celebre criminalista traçara, no dia seguinte disfarçou-se em notario, para simular que lá visitor o angustiado esposo em nome da mãe da desaparecida.

Sherlock Holmes podia ter a certeza de que mesmo suppondo que Meuzel o tivesse visto na noite anterior, não poderia reconhecê-lo, tão perfeito era o seu disfarce. Ainda assim o engenheiro de quem suspeitava soube logo que o supposto notário era o mesmo importuno visitante que na véspera fizera uma busca na sua residência.

Meuzel era dotado de rara intelligencia e applicava-a aos seus crimes, o que o tornava astuto e temível.

O rosto, o cabello, o fato, as maneiras, tudo isso soubera Sherlock Holmes transformar adaptando-os ao papel que representava, os sapatos porém denunciaram-no.

Meuzel percebera que era vigiado, e portanto esperava qualquer dia a secreta visita de um espião durante a sua ausencia. Tomara por isso uma precaução muito simples e que todavia lhe podia indicar se alguém entrava em sua casa.

Valia-se para este fim de um cabello.

Na parte exterior da porta de entrada, Meuzel pregara dois pregos.

Cada vez que saía de casa, quer fosse de dia ou de noite, atava o cabello a ambos os pregos de tal maneira, que devia quebrar-se abrindo-se a porta.

Era uma medida de precaução.

Mas o sagaz criminoso tomou ainda outra.

No sólo do patamar, que era bastante escuro, espalhou serradura molhada para que ficassem ali impressos as pégadas da visita, e assim succedeu. O sapato do notário tinha a mesma forma larga e estreita que os do visitante da noite anterior, facto de que Meuzel se certificou!

Sherlock Holmes tinha, portanto, sido descoberto, antes mesmo de começar o seu trabalho.

O proprio engenheiro foi abrir a porta, mandando entrar o supposto notário, acompanhando o á sala, onde o convidou amavelmente a sentar-se, perguntando-lhe em seguida o que desejava.

—Sou o notário Meinhagen e venho da parte de lady Worthington, a quem certamente conhece, falar consigo com respeito ao resto da fortuna de sua desventurada esposa que desapareceu.

«Creio que está ao facto de que sua esposa deixou a fortuna entregue á mãe, e que embora retrasse já uma boa parte do capital, lady Worthington tem ainda em seu poder uma quantia bastante importante. Ora a lady tem motivos para querer livrar-se da responsabilidade que incorre de posse do dinheiro de sua filha, e está decidida a não voltar a Londres nem tão pouco a Inglaterra.

De modo que a dama deseja que...

O policia porém não proseguiu, porque quando

chegou a este ponto, observou no seu interlocutor uma expressão tão singular que emmudeceu.

Meuzel, que se tornara pallido, perguntou balbuciando:

—Minha sogra tenciona vir a Vienna?

—Admira-se, senhor! perguntou o notário.

Meuzel comprehendeu então que commettera uma tolice, e rapidamente recuperou o sangue frio e sereno.

—Admiro-me porque a lady não me avisou da sua resolução, e creio ter o direito de ser avisado da sua chegada.

«Talvez ainda m'a participe.

—O quê? Espera que lady Worthington o avise da sua chegada? Não o fará certamente, pois está em Vienna desde hontem. Acabo de receber a sua visita e informou-me de que estava determinada a occupar-se pessoalmente de descobrir por todos os meios ao seu alcance o paradeiro de sua desgraçada filha. Deseja contudo antes de dar qualquer passo tratar do assumpto do dinheiro e é esse o fim da minha visita.

Pella segunda vez o engenheiro se tornou pallido.

Estes sobresaltos que naturalmente não podiam passar despercebidos ao genial policia, fizeram-lhe comprehender que a presença da mãe da sequestrada não era agradável ao engenheiro, que tornando-se novamente sereno, perguntou:

—Póde-se saber em que hotel se installou minha sogra?

—Essa senhora não me recommendou que guardasse segredo; posso portanto dizer-lhe que lady Worthington se encontra no hotel das Quatro Nações.

—Muito obrigado, senhor notário; agora desejo saber quaes são as intenções da lady com respeito á fortuna de sua filha. Estou disposto a acceder aos desejos da lady.

—São realmente simples, sr. Meuzel.

«Lady Worthington disse-me que por varias vezes mandou dinheiro dirigido a si e não a sua filha, pelo que suppõe que está de posse de algum documento que lhe dá poder para receber o dinheiro de sua esposa.

«Sendo assim depressa concluiremos. Basta-lhe-a assignar um recibo e lady Worthington entregará-lhe immediatamente o resto da herança de sua esposa. Mas terá que tomar as suas disposições para dar conta do emprego dos fundos a sua esposa no caso de reaparecer. Lady Worthington entregou-me o dinheiro, que poderá retirar amanhã a qualquer hora no meu cartorio, e devo avisá-lo de que quanto mais depressa levantar o dinheiro tanto melhor para a lady, pois como já lhe disse, quer livrar quanto antes a sua responsabilidade.

Quando acabou de proferir estas palavras, o no-

tario ergueu-se como se considerasse a sua missão terminada.

O engenheiro acompanhou-o até á porta.

Sherlock Holmes julgava ter preparado bem a armadilha, e certamente teria apanhado n'ella o miseravel, se este não tivesse ficado receioso pela descoberta da visita nocturna.

O grande criminalista suppunha que Meuzel sabia onde estava a esposa que occultava por uma razão qualquer.

Julgava que depois de informar o engenheiro da possibilidade de retirar os fundos, Meuzel seria obrigado a visitar a esposa afim de obter o documento e n'este caso, Sherlock Holmes trataria de vigial-o para descobrir o esconderijo da desventurada.

Com este fim, o policia formara o seu plano para vigiar o engenheiro mais cuidadosamente do que fizera até ali.

Infelizmente porém o plano, embora estivesse elaborado com pericia, havia de cair ante a astucia do criminoso.

Logo que o supposto notario se retirou, Meuzel voltou a examinar o patamar da escada, convencendo-se de que realmente o notario era a mesma pessoa que estivera em sua casa na noite anterior, e que portanto devia ser um espião da policia.

Absorto nas suas meditações, o miseravel começou a pensar em novos crimes.

A constante vigilancia de que era objecto molestava-o. Era urgente que empregasse todos os meios para que o supposto espião desaparecesse o mais depressa possivel.

Não duvidava que a lady estivesse em Vienna, suppunha porem que em lugar de ter confiado o dinheiro do notario o conservasse em seu poder. O criminoso conhecia muito bem a mãe da esposa para se deixar enganar, embora tivesse sido o explorador de ambas, com a unica differença que a mãe o conhecera sob o nome de lord Cunningham e uniu-se á filha dizendo-se o engenheiro Meuzel.

Sabia tambem que lady Worthington lhe reconheceria immediatamente a lettra.

CAPITULO V

O suicidio mysterioso

Sherlock Holmes dissera a Meuzel.

Lady Worthington chegara, effectivamente, a Vienna afim de descobrir o paradeiro da filha. Era igualmente certo que essa senhora tinha a intenção de não

voltar a Inglaterra, pois considerava como uma vergonha imperdoavel ter sido enganada e explorada por um infame e temia que as suas relações pudessem saber o que occorrera, o que a tornaria alvo do escarneo de toda a gente.

A terceira verdade era que lady Worthington levava o dinheiro consigo; não só o resto do patrimonio da filha, como tambem a sua propria fortuna.

A lady, que se installara no melhor hotel da capital, mandara chamar acto continuo o genial policia.

Tinham elaborado o plano de campanha, de modo que quando saiu de casa de Meuzel, Sherlock Holmes voltou ao hotel para a informar do resultado da visita.

—Antes da noite, não ha coisa alguma que fazer, lady, dissera-lhe o policia. Seria inutil vigiar o homem durante o dia, visto que a policia está encarregada d'esse serviço.

A vossa tarefa começará ao escurecer. Se cair na armadilha indo ver a esposa para obter d'ella a assignatura afim de levantar o dinheiro, a victoria é nossa. Eu mesmo me encarregarei de o vigiar esta noite; não me ha de escapar.

—Acredita, senhor Holmes, que minha filha ainda vive?

—Estou convencido que sim.

«A morte da infeliz não serviria de nada ao miseravel. Mas occorre-me uma ideia; ainda não me tinha acudido... sim, ha ainda outra razão.

—Qual é?

—Geralmente, lady, não gosto de falar das minhas intenções, mas tratando-se de uma mãe que treme pela vida da filha, creio dever fazer uma excepção.

«Quando me falou n'este caso em Londres, a minha primeira pergunta foi: «Quem é que pode ter interesse no desaparecimento d'essa senhora?»

«As suas explicações indicaram-me a pista que havia a seguir. Aquelle miseravel encontrou certamente tenaz resistencia na esposa que deve já conhecê-lo e encoerrou-a em alguma parte afim de lhe vencer a resistencia. Até agora julgava que o infame não alvejara senão ao resto da fortuna da esposa, mas occorreu-me outra ideia. Permitta-me que me retire, pois tenho muito que fazer; logo que saiba alguma coisa de novo avisala-hei.

E sem dar á lady tempo para responder, pegou no chapéu e saiu cumprimentando-a.

Poucos minutos depois podiamos encontrar o policia occupado a examinar o Annuario de Vienna, e notando as direcções dos agentes das companhias de seguros de vidas.

Lady Worthington ficou bastante assustada após a saída do policia.

Passados instantes alguém batia á porta da sala onde se encontrava.

—Entre, exclamou.

Aproximou-se-lhe um creado com um cartão de visita.

—A senhora espera a resposta, disse o creado.

A lady olhou admirada para o cartão.

—Como se saberia a minha presença em Vienna?

No cartão lia-se o nome seguinte:

«Adela de Angerstæin, Vienna.»

Nas costas estavam traçadas estas linhas:

«Posso dar a lady Worthington indicações importantes acerca de sua filha, rogo-lhe portanto que me receba immediatamente.

Depois de examinar por um instante o cartão, disse ao creado:

—Faça favor de mandar entrar essa senhora, e não estou visível para ninguém durante a sua visita.

O creado retirou-se, um momento, depois entrava na sala uma elegante senhora vestida de preto com o rosto coberto por um espesso veu. Quando entrou, voltou-se murmurando algumas palavras e fechou a porta á chave. Voltou-se de novo, ergueu o veu e... lady Worthington, que se levantara da cadeira, caiu sobre ella como que paralisada...

A senhora vestida de preto devia ter muito que dizer á lady, pois demorou-se com ella mais de uma hora.

—Lady Worthington não quer que a incommodem, disse a visita ao creado que encontrou no corredor e saiu acto continuo do hotel.

No principio da noite chegou um telegramma para a lady, e o creado subiu ao quarto que occupava afim de lh'o entregar.

Chamou á porta primeiramente, com prudencia, mas vendo que ninguém respondia bateu repetidas vezes.

Como nem assim abrissem o porta, o creado commetteu a indiscreção de entrar na sala afim de ver se a lady estava dormindo. O contheudo do telegramma podia ser uma noticia importante e merecer-lhe uma boa gorgeta.

A sala achava-se ainda ás escuras.

De subito o creado deixou cahir o telegramma das mãos saltando gritos de afflicção.

Acutiu outro creado mais corajoso do que o primeiro, e acercou-se dos aposentos da lady seguindo os signaes do primeiro que não podia articular uma palavra.

O creado entrou no quarto, mas tambem retrocedeu, dando um grito.

Poucos momentos depois achavam-se nos quartos da lady, o dono do hotel e os dois creados. Os trez tinham os olhos fitos na parede, em frente da porta.

Encontrava-se ali um grande espelho pendurado n'um enorme prego, o espelho poérm tinha sido collocado no sólo, junto da mesa, e do prego pendia o corpo inerte da lady. A pobre senhora tinha-se suicidado.

A pedido do dono do hotel, que se convenceu de que a lady cessara de existir pois o corpo estava rigidado, conservou-se tudo nos aposentos como havia sido encontrado, e a policia foi avisada.

Quando chegou a noticia ao commissariado, encontrava-se ali precisamente Sherlock Holmes.

Logo que ouviu pronunciar o nome de Worthington, apoderou-se de uma bicyclette da policia, e depois de dizer algumas palavras a Harry Taxon, afastou-se com toda a velocidade acompanhado por alguns agentes.

O medico chegou ao hotel mais tarde que os policias de modo que Sherlock Holmes encontrou tudo no mesmo estado que o creado que primeiro entrara na sala.

O criminalista examinou o cadaver e a cadeira que estava ao pé, caída no chão, em seguida deixou entrar o medico e os agentes.

Enquanto estavam todos occupados a examinar o cadaver, Sherlock Holmes deu começo, no meio do assombro geral, a um trabalho deveras singular.

Ergueu a cadeira, collocou-a sobre a mesa e subiu para ella. A lady devia ter effectuado a mesma manobra para atar a corda em volta do pescoco e virar em seguida a cadeira para se enforcar.

Tambem Sherlock Holmes tentou varias vezes virar a cadeira de cima da mesa com o pé, conseguindo algumas vezes o seu intento, a cadeira porem nunca ficava na posição em que havia sido encontrada.

Por fim Sherlock Holmes desceu da mesa e olhou para o medico enquanto elle examinava a morta.

—Esta senhora deve ter-se enforcado ha já algumas horas; os soccorros da sciencia são portanto inuteis.

A unica coisa que resta a fazer é averiguar o motivo do suicidio.

Com estas palavras o medico afastou-se do cadaver.

—Não se trata de um suicidio; lady Worthington lyi victima de um miseravel.

Esta phrase foi pronunciada com resolução e energia. Todos se voltaram para aquelle que a proferia.

Era Sherlock Holmes que permanecia ao lado do cadaver. Depois, n'um tom que não admittia replicar, proseguiu:

—Não se trata, senhores, de um suicídio. Achem-se perante a vítima de um assassino que além d'isso roubou a lady.

—O que diz, senhor? Isso é impossível! exclamou o dono do hotel encarando o policia a quem não conhecia.

Como pôde pretender semelhante coisa? Saiba que se encontra no hotel das Quatro Nações, o mais antigo e afamado da capital, e aqui não ha ladrões nem assassinos. Demais, não entra aqui ninguém a occultas.

O inspector da policia que ficara egualmente surprehendido com a affirmação do policia, acrescentou: —Julga realmente, senhor Holmes, que se trata de um crime?

Depois de olhar alguns momentos para o funcionario, Sherlock Holmes replicou com a sua usual serenidade.

—Se não soubesse que me conhece ainda muito pouco, senhor inspector, ter-me ia offendido a sua pergunta. Agradecer-lhe-hei porém se para o futuro se recordar que não affirmo coisa alguma que não possa provar.

«Todos os que se acham aqui presentes ficaram attonitos presenciando os meus equilibrios sobre a mesa para voltar a cadeira de um modo determinado. Quer dizer-lhes que a posição em que encontramos a cadeira, me attrahiu immediatamente a attenção. Nas minhas observações procuro sempre não perder de vista o minimo detalhe.

«Convenci-me que era impossível deixar cair a cadeira de lado, estando sobre a mesa.

«Portanto não foi a morte que derrubou a cadeira, mas foi o assassino que a collocou no chão afim de enganar a policia, não pensou contudo bem nos detalhes.

Sem se preocupar mais com as pessoas presentes, Sherlock Holmes perguntou se a lady recebera visitas de tarde. Soube então que fôra procurada por um homem de idade que se disse notario, e que em seguida recebera a visita de uma senhora, cujo rosto estava coberto por um espesso veu.

O policia não se interessou pelo vello notario, mas pela dama perguntou com insistência:

—Que nome deu essa senhora? interrogou o policia.

O dono do hotel ignorava-o.

—Qual foi o creado que annunciou a visita á lady? proseguiu.

—João, foi o senhor quem introduziu a senhora do veu preto?

—Não; fui eu, retorquiu o outro creado. João não estava no hotel n'esse momento e fui eu quem acompanhei a dama de preto.

«E francamente pareceu-me um tanto...

—Cale a bocca, imbecil! Quem lhe perguntou a sua opinião? interrompeu bruscamente o dono do hotel.

Sherlock Holmes seguiu no braço do creado e, afastando-se com elle do resto dos assistentes, perguntou-lhe muito amavelmente:

—Foi o senhor quem lhe annunciou a visita? Não lhe disse o nome?

—Não; entregou-me um cartão para a lady.

—Lady Worthington leu o cartão?

—Sim; e depois de o ter lido, disse-me que introduzisse a senhora, o que fiz.

Sherlock Holmes voltou-se de novo para os policias para lhes dizer:

—Senhores; façam o favor de procurar esse cartão. Supponho que será inutil, mas interessa-me saber se a visitante o tornou a levar ou se o deixou em poder da lady.

«Como era o cartão?

O creado descreveu-o, mas não puderam encontrar o em parte alguma.

—Esperava isto mesmo, senhor inspector; não lhe resta senão acreditar que se trata de um assassino. E' pena não podermos saber o nome que se achava no cartão; talvez adiantassemos alguma coisa.

—Sei-o eu, senhor.

Fôra o creado quem pronunciara estas palavras; Sherlock Holmes voltou-se vivamente.

—Leu o que continha o cartão? perguntou.

—Não posso negal-o. Li o nome e as linhas escriptas ahi.

O dono do hotel enfureceu-se contra o creado por ter commetido semelhante indiscreção; Sherlock Holmes porém defendeu-o e pouco depois sabia tudo que o indiscreto lhe podia dizer. Em resumo, inferia-se d'ahi que Meuzel estava mettido n'aquelle assumpto e não era impossível que tivesse sido o proprio Meuzel vestido de mulher, quem visitasse a lady.

Esta hypothese era tanto mais accetavel porque lady Worthington era bastante nutrida, e seria necessario alguém com força para levantar o cadaver e segural-o no prego da parede.

O creado disse-lhe tambem que a mysteriosa dama lhe falava com uma voz contrafeita e que dava uns grandes passos.

CAPITULO VI

Seguindo a pista do assassino

Era quasi meia noite.

No telhado do predio onde residia o engenheiro

Meuzel, estava um homem de baixa estatura occulto por detraz de uma chaminé.

Era o pequeno chinez Wang que se achava ali de sentinella, cumprindo as ordens que recebera do mestre.

Havia mais de uma hora que o novo ajudante do policia, estava esperando n'aquellas alturas, com os olhos fitos em uma clara-boia, pela qual segundo dissera o mestre, havia de sair um homem, o que não succedera ainda.

Wang permanecia immovel; quem o observasse julgá-o-hia a dormir, mas de subito teve um sobre-salto.

Nas torres das igrejas da capital soavam as doze badaladas da noite, e aquella hora fatidica de duendes e apparições parecia ao pequeno chinez com vezes mais imponente nas circumstancias em que se encontrava.

Logo que emmudeceram os sinos, outro ruido sobressaltou o amarello. Acocorando-se o mais que pôde, e concentrando na vista os seus cinco sentidos, viu que da clara-boia que lhe indicara o mestre emergia uma cabeça; depois um homem.

O coração de Wang pulsava com violencia.

Meuzel, pois era elle o passeiante nocturno, lançou olhares penetrantes para a direita e para a esquerda, examinando as chaminés, antes de tudo, mas não viu a pequena sentinella que vestido de preto com o corpo unido á parede, se tornava invisivel.

Encostando se ás chaminés, Meuzel passou para o telhado da casa visinha e d'ali para os seguintes, até chegar ao da casa de esquina.

D'ahi olhou em todas as direcções, fechando um punhal enorme que durante aquella excursão conservava aberto, entre os dentes. Depois murmurou de si para si:

—Assustei-me sem motivo. Não; o espião não parece ter tanta pressa.

«Se encontrar a rua deserta, hão de cansar-se a esperar-me. Só me falta liquidar a ultima conta; essa é com o «Escalpelo» e depois... Adeus para sempre.

«Esse imbecil ha de ficar pasmado quando souber que o seu amiguinho não quiz partir só, mas que levou consigo a filha da sua alma apesar de a julgar tão bem guardada.

Meuzel arrastou-se em seguida até uma clara-boia. Examinou-a com attenção e certamente ficou satisfeito, pois abriu-a com cuidado e desapareceu por ella.

Apenas o criminoso se deixou de ver no telhado da casa de esquina, n'aquelle em que se occultava Wang, brilhou durante alguns segundos uma pequena luz azul que foi observada por dois homens que espe-

ravam na rua, e que pelo referido signal comprehendiam que o garoto se dirigia para ali.

Era o signal combinado.

—Cuidado, Harry. E' preciso abrir muito os olhos e empregar todas as precauções. Temos que nos haver com um criminoso dos mais astutos e se hoje nos escaparmos, nunca mais o apanharemos. Attende bem as minhas ordens.

«Espero que Wang não fizesse o signal cedo de mais.

—Está bem, senhor Holmes, mas silencio; parece-me que esta porta em frente depressa se nos abrirá.

Passado um momento tinham ambos desaparecido como que levados pelo vento. Tinham-se occultado dentro de uma enorme columna destinada aos annuncios que havia n'aquelle local.

Para não descurar nenhuma precaução, o criminoso aproximou-se da referida columna, examinando pela parte posterior se alguém ali se escondera.

Embora não houvesse na rua nenhum outro ponto que pudesse servir de refugio, o criminoso não se deu por satisfeito.

Voltou-se para a direita e para a esquerda, parou um momento e em seguida retrocedeu.

Era facil comprehender que tinha grande interesse em que ninguém o visse nem conhecesse as suas saidas nocturnas.

Quando o malvado chegou ao fim da rua, Sherlock Holmes e o seu ajudante abriram a portezinha da columna, saindo do seu esconderijo. O policia abriu a porta de uma casa onde guardara a bicycleta, subiu para ella e afastou-se rapidamente.

Harry Taxon esperou que o pequeno Wang descesse, mandando-o de seguida para o hotel descan-sar.

Sem esperar resposta do pequeno, Harry montou tambem para a bicycleta correndo atraz do mestre.

Após um momento de reflexão, o pequeno Wang deitou a correr por sua vez, não em direcção do hotel, mas atraz de Harry Taxon.

Wang não se conformava com a idéa de que os policias prescindissem do seu auxilio. Harry teve que diminuir o andamento, porque viu o mestre seguindo com todo o vagar. Assim o joven Wang pôde alcançar Harry e supplicou-lhe que o não mandasse para o hotel.

Sherlock Holmes não perdia de vista o criminoso, mas não queria seguir-o muito de perto para evitar suspeitas.

A infeliz prisioneira dos dois criminosos, seque-

trada no carcere subterraneo, perdera a noção do tempo; só sabia que decorrerá mais um dia quando o taberneiro lhe levava um bocadinho de pão e uma bilha com agua.

Por muito horroroso que fosse aquelle captivo, a filha de lady Worthington preferia-o á presença do infame que mais de uma vez tentou aproximar-se-lhe fazendo ruborizar-se aquelle rosto livido. Decorreram alguns dias sem que a desgraçada provasse o pão nem a agua, temendo que o «Escalpelado» lhes deitasse algum narcotico.

Nos ultimos dias a joven socegara um pouco, porque o monstro não tornava a impôr-lhe a sua presença.

—Talvez o meu aspecto seja já tão horrivel que até esse miseravel sinta repugnancia em me ver, dizia a desventurada de si para si e sentia-se assim mais resignada.

Quando os dois desalmados a deixaram só, a pobre mulher caiu no duro leito soluçando.

—Deus meu! disse ella. Como tenho que pagar cara a minha falta!

«Ah! era demasiado joven para conhecer as intrigas do infame. Forçosamente havia de succumbir perante tão refinada hypocrisia... Que podia eu fazer, infeliz de mim, sem experiencia alguma!

«Oh, morte, vem; compadece-te de mim e livra-me d'esta vida miseravel, peor mil vezes que a tua presença!...

Desde muito creança, Moby fôra educada por seu pae com grande liberdade, o que bastante a prejudicava.

O lord, que não tivera filhos varões para herdarem o seu nome, teve de contentar-se com sua filha unica, a qual, na melhor das intenções, quiz educar de modo a poder prescindir da mãe o mais possivel. Fez da creança uma verdadeira ingleza; uma mulher decidida e de iniciativa.

A consequencia foi Moby amar mais o pae do que a mãe, de modo que quando elle morreu, a joven, costumada a proceder livremente e a viver a seu gosto, não consultava a mãe em caso nenhum, o que lhe devia custar caro.

A joven, elegante e linda, emprehendera uma viagem a Nice com uma familia das suas relações, enquanto a mãe, que a amava com essa ternura de que só as mães são capazes, se dirigia a uma praia de Inglaterra, julgando Moby bem guardada tanto pela familia que a acompanhava como pelos seus sentimentos de juizo e prudencia.

A estada em Nice havia de ser-lhe fatal.

Conheceu ali um mancebo em circumstancias tão espediacas, que bem merecem ser relatadas.

A filha herdara do pae, um grande amor pelo

sport. Um dos seus maiores prazeres era guiar um carrinho.

Habituada a satisfazer os seus caprichos, poucos dias depois da sua chegada a Nice encontrou em um picadeiro um fozoso cavallo que lhe agradou e com o qual dava grandes passeios.

O dono do picadeiro avisou a joven que o animal era caprichoso e indomavel e que corria perigo de tomar o freio nos dentes; esta advertencia foi acolhida com um sorriso pela joven, e como o homem não queria perder a nova freguezia, contentou-se em avisala.

A catastrophe teve lugar uma tarde em uma avenida.

A' entrada do passeio, um automovel com toda a velocidade passou tão proximo do cavallo, que este assustando-se seguiu n'uma carreira louca; Moby perdeu completamente a força para domar o animal.

Arrastando o fragil vehiculo como se fosse uma penna, o animal, desbocado, corria doidamente pela avenida que, n'aquella epocha do anno, era summamente concorrida.

Parecia inevitavel um grave accidente, quando de subito um homem novo e robusto saiu de entre os passeantes espantados d'aquelle spectaculo, e dando prova de grande valor e serenidade, conseguiu segurar as redeas do cavallo. O animal ainda arrastou o ousado durante alguns metros, mas por fim o homem venceu. O cavallo parou.

Moby saíra sã e salva de um enorme perigo para cair n'outro talvez peor; nas mãos de um satiro da peor especie.

Por que extranha successão de factos chegara a joven áquello horroroso estado? A infeliz que estava estendida sobre um monte de palha meia pôdre, e por cuja imaginação ardente passavam as suas tristes aventuras como em um cinematographo, não sabia explicalo. Dotada de uma rara energia, tornara-se, sem saber como, escrava d'aquelle homem.

Aprendeu a amar o seu salvador, talvez por um sentimento de gratidão, e pouco a pouco os desejos d'aquelle homem que se tornaram em pedidos, foram para ella ordens imperiosas a que não podia subtrahir-se.

No seu regresso a Londres a joven contrahiu secretamente matrimonio com esse homem do qual só sabia o que elle proprio lhe dissera.

Uma vez unidos pelo indissolvel laço, o marido mostrou o seu verdadeiro caracter e começou o calvario da infeliz mulher.

Era singular que Meuzel—assim disse chamar-se o marido—não se encontrava bem em Inglaterra, mas como não podia levar Moby sem despertar as suspeitas da mãe, que ignorava o casamento da filha, par-

tiu só, depois de obter da esposa todo o dinheiro que ella lhe ponde arranjar.

Mais tarde obrigou a joven a descobrir a sua verdadeira situação á mãe e a reunir-se-lhe. Mostrou então as suas verdadeiras intenções.

Meuzel estava bem informado da situação financeira de Moby e de sua mãe. Valendo-se, portanto, de todos os meios incluindo a tortura, obrigára a joven esposa a entregar-lhe dinheiro e mais dinheiro, até que a venda caiu dos olhos de Moby.

O marido não era só um seductor e um extravagante, mas tambem um criminoso que levou o cynismo ao ponto de querer obrigar Moby a auxilliar-o nas suas façanhas.

Então a joven que sempre se mostrara submissa aos desejos do marido, negou-se terminantemente a obedecer-lhe e a consequencia foi o malvado sequestral-a.

O sclerado servira-se certamente de algum narcotico; de outro modo como se explicaria que pudesse encerral-a n'aquelle immundo buraco d'onde talvez não saíra mais.

Não lhe era possivel precisar ha quanto tempo se encontrava sequestrada, mas comprehendia que se aquella situação se prolongasse muito, perderia a razão.

Já pensava que aquella apathia que a dominava, aquella indifferença, que sentia, era o primeiro symptoma de loucura.

Ao principio, a joven, desesperada, tentára atacar o seu carcereiro para se libertar á força, mas os seus esforços foram baldados. Os miseraveis zombaram d'ella e maltrataram-n'a brutalmente.

Mais tarde procurou enternecer os malvados com supplicas e lagrimas, mas obteve identico resultado.

O marido apresentou-se-lhe tentando obter que ella assignasse varios documentos, mas perante a sua recusa, teve que desistir do seu intento, não sem proferir as mais horrorosas imprecações e blasphemias.

A joven bem sabia que com a sua assignatura o miseravel pretendia commetter novas iniquidades. Negava-se portanto a realizar os seus desejos.

Comtudo a sua indignação levára-a a commetter uma grave imprudencia; dissera ao seu verdugo que tinha depositado um documento para sua segurança e portanto o assassino sabia que não podia apresentar-se a receber a importancia dos seguros de vida. A infeliz perguntava a si mesma se Meuzel ignorando esse facto a teria deixado morrer, livrando-a assim de aquellas torturas.

Depois de fechar cuidadosamente as portas o taberneiro e Meuzel ou seja Robin, voltaram ao quarto do pateo, onde este ultimo se sentou junto da janella.

Tanto um como outro estavam longe de suppor

que muito perto d'elles estava a «Bomba» escutando todas as suas palavras.

—E então, Robin, estás convencido da teimosia da tua prisioneira?

«Que me darás se não só a fizer assignar os documentos mas tambem se averiguar quem é o notario que tem a carta que tão fatal te ha de ser apoz a sua morte?

—Diz-me o que tencionas fazer e combinaremos a quantia que te hei de dar.

—Nada te direi; só exijo que me deixes completa liberdade para proceder, e que não faças o minimo caso das accusações que mais tarde me dirija tua esposa.

—Que a leve o diabo. Pódes fazer d'ella o que quizeres, contanto que me entregues a carta e a sua assignatura.

Muito bem, mas não te esqueças das tuas palavras. Disseste me que podia fazer d'ella o que quizesse. Agora podes retirar-te; amanhã á noite estarão realísados os teus desejos.

O taberneiro accompanhou o seu cumplice até á porta, despediu-se d'elle e fechou novamente a porta com todo o cuidado.

Sem dar pela presença da «Bomba», pegou na lanterna e encaminhou-se para o alpendre.

A enorme mulher ainda d'esta vez conseguiu occultar-se aos olhos do taberneiro.

Acercou-se prudentemente da escada, olhou para o fundo, mas não se decidiu a penetrar na cova perdendo assim a occasião, sem o saber, de salvar a vida a uma desventurada joven.

A prisioneira estremeceu ouvindo abrir de novo a porta do subterraneo.

Que podiam querer ainda d'ella? Voltaria o miseravel para a torturar? Seria balde, preferia morrer a assignar outros documentos para que continuassem a roubal-a.

O «Escalpelado» abriu a porta da cova collocando-se de modo a obstruir a saída com o corpo.

—Não te admires, pombinha, que volte a honrar-te com a minha visita, disse elle.

«Vim contemplar de perto o que passou a ser propriedade minha...

—Venho de ter uma conversa muito interessante com teu marido, que, diga-se de passagem, é um grande patife, a proposito do tal negocio dos documentos, e prometti assegurar-lhe a posse do resto da tua fortuna, bem como o premio do seguro de vida.

«Comprehendes que favores d'estes não se fazem sem a devida recompensa. Ora essa recompensa é a posse da tua pessoa.

«Apraz-me iter por amante uma verdadeira lady,

nova e bonita, para gosar a sua posse em qualquer canto do mundo

«Vou deixar os negocios e disfructar as minhas economias, que são muito respeitaveis; mas, como a vida de celibatario me aborrece infinitamente, escolhi-te para partilhares do meu amor e da minha fortuna.»

A desgraçada ouvia o bandido com os olhos espantados e estremecendo de horror.

A monstruosidade d'aquellas palavras, a hediondez d'aquella cara deformada, o sorriso cruel d'aquella bocca immunda aniquillavam-na.

Elle continuou:

«Porque, fica sabendo, pombinha, que teu marido não só te abandonou, como tambem se retirou para sempre da nossa formosa cidade. Todavia como é bom negociante e usa tirar proveito de tudo, vendeu-te.

«Sei de sobra, proseguiu o criminoso, enquanto o horror da infeliz augmentava, que não se pode esperar muito de ti, pois parece que o ar d'este local não te faz bem, mas não tenho remedio senão contentar-me. Mais tarde has de restabelecer-te, já que és proprietária minha.

Soltando um estridente grito de horror, a pobre mulher atirou-se ao assassino, tentando esganal-o.

O «Escalpelado» queria a prisioneira em seu poder para a obrigar a ceder a quanto lhe pedisse.

A força brutal do criminoso, venceu naturalmente a fraqueza da mulher mais morta do que viva.

Precisamente no momento em que a «Bomba», que ouvira o grito de desespero da desventurada, se dispunha a descer ao subterraneo, viu a luz do taberneiro na escada; pouco depois estava sob o alpendre.

«Bomba» teve que correr a esconder-se por detraz do poço, mas viu ainda o diabolico sorriso do taberneiro, do que deduziu que este devia ter conseguido os seus criminosos intentos.

Voltando para casa, o «Escalpelado» tirou da algibeira os documentos, e contemplou as assignaturas com ar de triumpho.

CAPITULO VII

O triumpho da astucia

Segundo o seu costume, o policia trabalhou em Vienna por sua propria conta.

Dissera ao inspector da policia deveras admirado:

—Neste caso não se trata de um suicidio, mas de um crime e provavelmente de um roubo.

Declarou os motivos que o levavam a formar

aquellas supposições, mas deu logo o assumpto por terminado. Não se importava com o que as auctoridades deliberassem fazer sobre o caso.

Emquanto os funcionarios examinavam a defunta e os detalhes que podiam fornecer algum indicio sobre aquella morte, o policia aproximou-se do creado, e não só conseguiu saber tudo quanto podia dizer-lhe, como o fez prometter formalmente que guardaria a mais absoluta reserva sobre a conversa que tivera com elle.

O policia soubera conquistar a confiança do creado.

Como era de prever, Sherlock Holmes não pronunciou o nome de Meuzel como auctor do crime, pois n'esse caso os policias tel-o-hiam detido e havia que renunciar a toda a esperanza de salvar a desventurada.

—O modo de proceder d'este infame mostra que é tão perigoso como astuto. Se o prendessem n'este momento, o infame encerrar-se-ia na maior reserva, não se poderia fazer outra qualquer descoberta e a victima morreria no seu carcere.

O policia tomava as suas disposições com tanta prudencia e tacto que as suas investigações seriam certamente coroadas do melhor exito.

Perseguindo o malvado, montado em bicycletta, viu que entrava na taberna do «Escalpelado Teodoro».

Harry Taxon aproximou-se do mestre que lhe fez um signal. Ambos conferenciaram um momento, examinando o policia em seguida os arredores da casa.

—Pela frente nada ha a fazer. Escalarei o muro, do pateo e veremos se d'ali conseguirei alguma coisa, disse logo que terminou o exame.

Poz immediatamente o seu projecto em execução. Sherlock Holmes saltou o muro do pateo, enquanto Harry Taxon permanecia occulto na sobra, sem perder comtudo de vista a porta de entrada do predio.

O ajudante de Sherlock Holmes não suppunha que era auxiliado na sua vigilancia pelo pequeno Wang.

Meuzel julgava ter alcançado a casa do seu cumplice sem ter sido visto.

Depois de fazer um signal combinado á porta, o «Escalpelado» abriu e passaram ambos ao quarto do pateo. N'este porém havia um importuno que os escutava não obstante o taberneiro ter-se assegurado que não estava ninguem em casa.

Não era porém a «Bomba» quem o vigiava, mas o proprio Sherlock Holmes que se collocara sob a janella e que ouvia perfeitamente toda a conversa entre os criminosos.

Pelo que diziam, o celebre criminalista comprehendeu que havia encontrado o antro dos assassinos, assim como o esconderijo da joven. Momentos depois

o taberneiro pegou nas chaves, na lanterna e dispoz-se a sair do quarto em companhia do seu cumplice.

—Surprender-me-ia se esses infames não tivessem a victima em casa. Se assim não fôr, hão de sair forçosamente... mas parece-me que metteu a chave na fechadura...

Do mesmo modo que fizera a «Bomba» no dia anterior, teve Sherlock Holmes que correr ao poço no meio do pateo, como o unico esconderijo que ali se lhe offerecia. Um momento depois appareciam os dois miseráveis. O «Escalpelado» levava a lanterna e Meuzel seguia-o silencioso.

Quando chegou junto do poço, Meuzel parou um momento. Sherlock Holmes julgou que o haviam descoberto mas o homem seguiu tranquillamente o seu caminho, atraz do taberneiro pelo que suppoz que se enganara. Pouco depois desapareciam ambos no alpendre, cuja porta deixaram aberta, como haviam feito no dia anterior.

Enquanto o taberneiro tratava de afastar os objectos que obstruam a entrada da cave, Meuzel aproximou-se-lhe do ouvido, murmurando:

—O maldito espia de que te falei está no pateo; tranquillisa-te e deixa o por minha conta. E' aqui que me convem apanhal-o. Continúa o que estás a fazer e não te importes commigo. Entender-me-hei com elle e dir-te-hei o que tens a fazer.

Ficou n'aquelle momento visivelmente demonstrado que o «Escalpelado» era tão miseravel como cobarde; todo elle tremia de medo.

—Mas viste-o? perguntou por fim.

—Não; descobri-lhe as pegadas na terra; conheço-as entre mil.

«E' a terceira vez que se mette no meu caminho, mas ha de ser a ultima.

—A porta está livre?

—Está.

—Desce e procede como se nada fosse. Quando estivéres em baixo, pára nos ultimes degraus, de modo que se possa vêr d'aqui a luz e fala em voz alta como se estivesses brigando.

A serenidade do cumplice deu coragem ao medroso taberneiro que acqiesceu com a cabeça, e tratou de descer a escada para fazer o que o companheiro lhe dissera.

Ao mesmo tempo, Meuzel pegou em um grande pau e postou-se por detraz do montão de objectos velhos junto da abertura.

A armadilha estava preparada.

A conversa que Sherlock Holmes surpreendera deu-lhe a entender mais uma vez que tinha que lutar com dois criminosos, dos peiores, devido á sua sagacidade e astucia e que devia portanto empregar

todas as precauções. Apesar de tudo, Meuzel tinha indiscutíveis vantagens sobre o inimigo, pois sabendo que era vigiado, poudé tomar as suas medidas para fazer uma nova victima do seu perseguidor.

Sherlock Homes abriu com cautella a porta do alpendre; como visse luz em baixo e ouviu-se vozes, inclinou-se para a abertura para ver melhor...

Como uma fera o criminoso lançou-se ao policia dando-lhe tão grande pancada que o prostou sem sentidos.

—Amigo! gritou, já podes subir. Fiz um trabalho perfeito. Vem; o espia está prompto; tudo caminha ás mil maravilhas.

Assomou então á abertura o horroroso rosto do velho criminoso que com voz trémula, perguntou:

—Mataste o, Robin?

—Não sei, mas pouco importa; de toda a maneira tarde se lembrará do que lhe succedeu.

—E se estiver alguem á espera d'elle?

—Tens razão. Não me occorreu essa ideia.

O susto tornou a apoderar-se do taberneiro, que balbuciou com voz trémula:

—Maldito sejas! Bem arrependido estou de me metter n'este caso; sempre presenti que havia de acabar mal. Quero ver se vou agora pagar pelas tuas culpas...

Meuzel retrucou com o seu imperturbavel sangue frio.

—Já sei que sempre foste assim, a tua especialidade consiste em tirar o melhor proveito possivel do roubo, mas sem arriscar coisa alguma. Ajuda-me, coarde, tiremos-lhe o casaco e vamos vêr se o esperamos lá fóra. Este passaro deve ser mais experto que os seus collegas e é preciso que seja muito astuto e corajoso para me ter seguido. Estou ansioso por saber quem é.

Enquanto falava, Robin inclinou-se para o desmaiado examinando durante um momento a ferida d'onde jorrava o sangue.

—Nunca mais na tua vida te has-de esquecer d'esta pancada, amigo, exclamou sorrindo. Não tornarás a metter-te na minha vida.

De subito o patife tornou-se pallido.

Dando busca ás algibeiras do casaco que despira ao ferido, encontrou um cartão cuja leitura o aterrou.

—Com a bréca, disse elle, Sinto não ter dado com mais força.

—O que succedeu Robin?

—O que succedeu? Sabes quem temos aqui na nossa frente? Sherlock Holmes, de Londres.

O «Escalpelado» recuou alguns passos dando um salto.

—Que dizes? Estamos promptos! Este é o famoso

polícia que faz tremer os piores criminosos? O que o traria a Vienna?

Meuzel sabia certamente o que motivara a viagem do polícia, mas não julgava opportuno informar o taberneiro d'esse assumpto. O que o interessava era proceder rapidamente.

—Portanto, tornou Robin, aqui perto deve encontrar-se Harry Taxon, ajudante do polícia, pois sei que são inseparáveis.

—E sendo assim, retrucou o taberneiro com as lagrimas nos olhos, a casa está cercada pela polícia, e vou ser obrigado a abandonar tudo isto.

—E's um medroso, rugiu Meuzel. Nem mereces o nome de homem, e envergonho-me de ter negocios contigo. Não comprehendes, imbecil, que este espia andava em busca de uma pista? Conhego-o bem; só pede a intervenção da polícia depois de ter descoberto tudo. Enquanto não attinge esse resultado, trabalha só com o seu ajudante.

—Mas se esse Harry Taxon não torna a vêr o mestre, claro que vae avisar as auctoridades.

—Isso succederia se te encontrasses aqui só, miseravel, mas eu impedirei que succeda o que tanto te assusta.

Pondo o chapéu e o casaco do polícia, Meuzel pegou na lanterna e saiu para o pateo. Promptamente descobriu que Sherlock Holmes tinha entrado na casa saltando pelo pateo.

Entregou em seguida a lanterna ao seu companheiro e disse-lhe em voz baixa.

—Vae para o alpendre e não voltes sem que te chame.

O taberneiro desapareceu; passados momentos, Meuzel estava sentado em cima do muro.

Pouco depois viu uma sombra que sahia da penumbra e se aproximava do muro.

Era Harry Taxon que não podia duvidar que era o mestre quem assomava ao muro é que reconheceu perfeitamente o chapéu e o casaco do mestre.

—Que succede, senhor Holmes? Deseja alguma coisa?...

O homem que estava sobre o muro fez ao mancebo um signal imperioso para lhe fazer comprehender que se aproximasse depressa e sem fazer o minimo ruido.

Pouco depois Harry saltava o muro.

Quando chegou acima, olhou para o pateo e viu desaparecer o homem que julgára ser o mestre, pela porta do alpendre.

Quando ahi chegou, o supposto Sherlock Holmes voltou-se para repetir o mesmo signal a Harry, desaparecendo em seguida.

Com as maiores precauções, Harry Taxon saltou o muro dirigindo-se igualmente para o alpendre.

A porta achava-se aberta; Harry entrou no escuro recinto sem receio algum, pois julgava encontrar ahi o mestre. Logo que entrou, sentiu duas mãos de ferro agarrando-o pelo pescoço com tanta força, que lhe faltou a respiração.

—Chega aqui, estúpido, gritou Meuzel assomando á abertura. Já cá tenho o outro. Os nossos collegas de Inglaterra hão-de ficar radiantes quando souberem que estão livres dos seus dois inimigos mais encarniçados.

—E estás certo que não havia mais ninguém esperando lá fóra?

—Imbecil! Sae d'ahi e convence-te.

O taberneiro sentiu-se envergonhado pensando que acabava de dar inequívocas provas de cobardia.

—Que vamos fazer d'este par? perguntou, quando Meuzel depois de apertar tanto o pescoço da sua segunda victima que quasi a deixou asphyxiada, começou a atar-lhe as mãos e os pés. Não te parece melhor atiral-os ao rio?

—Não digas mais asneiras. Tu, que não tens espezteja alguma fal-ou-as desaparecer sem pensar em mais nada; vae vêr como sou mais pratico. Conhego aqui alguns *gentlemen* que praticaram algumas proezas na Allemanha, vou ter com elles e digo-lhes: Amigos, sei que Sherlock Holmes lhes segue a pista, sem que tenham dado por isso, tenho-o porém em meu poder; quanto me darão se o entregar? Não te parece que me hão de pagar esplendidamente e tratarão de despachar ambos para o outro mundo? Vês tu como o meu cerebro é superior ao teu?

—Ouve, amigo; diz-me onde residem esses *gentlemen*?

—Sim, comprehendo. O que tu queres é proceder como é teu costume; tirar o melhor proveito. Pois d'esta vez enganaste-te; esse negocio fal-o-hei só e será o ultimo que effectuarei em Vienna.

—E onde vae encerrar os dois homens?

—Muito simplesmente no subterraneo. Vamos atar Sherlock Holmes e leval-os-hemos para baixo. Os meus amigos virão buscá-los.

—Justamente; e julgas, Robin, que vou deixar aqui entrar alguém para tu ganhares o dinheiro? retorquiu o taberneiro furioso.

—Ninguém te pede para os deixar entrar. Eu tratarei d'esse negocio e indicá-lhes-hei o caminho para não terem que perguntar por elle. E agora aconselho-te que desapareças promptamente d'aqui, pois já roubaste bastante.

Um clarão de ira brilhou novamente nos olhos do taberneiro, sem que Meuzel lhe desse importancia.

Agarrou os dois policiaes e arrastou-os até ao fundo da escada. Sherlock Holmes jazia sem sentidos, Harry Taxon, porém, começava a recupear-se.

Depois de se certificar que as cordas estavam bem apertadas, o temivel criminoso saiu do subterraneo, depois de lançar um olhar furioso á porta que encerrava sua infeliz esposa.

Quando chegou ao pateo, Meuzel dirigiu-se ao taberneiro n'um tom imperioso.

—Entremos em casa para ultimar o negocio que aqui me trouxe.

E acto continuo entraram no quarto contiguo ao pateo.

—Tens as assignaturas e a morada do notario? perguntou Meuzel.

O «Escalpelado» assenou com a cabeça que sim.

—Dá-me tudo isso, e aqui tens o dinheiro.

No momento em que o taberneiro ia apoderar-se do dinheiro, Meuzel apressou-se a impedi-lo, exclamando:

—Não, primeiro os papeis. Quero vêr se a lettra é realmente de minha mulher, porque não me fio em ti, entendes?

Com um olhar o taberneiro vira a importancia da quantia.

—E julgas que vou entregar-te documentos de tanto valor por essa miseria? perguntou com um sorriso de escarneo. Não, amigo, assim nunca nos entenderemos.

«Demais, reflecti sobre o assumpto, e quero desligar-me d'elle por completo. Não creio que dez companhias de seguros paguem tão avultadas quantias por uma só pessoa. Rasguei os documentos; ja os não tenho em meu poder.

Soltando um rugido de fêra, Meuzel atirou-se ao seu cumplice. Passado um instante rolavam ambos pelo sólo agarrados um ao outro e procurando molestar-se o mais possivel para o que se serviam das mãos, dos pés e dos dentes.

De repente, no momento em que a lucta se tornára mais encarniçada, soaram fortes campainhadas á porta do estabelecimento, o que devéras os sobresaltou. Como que impellidos por uma ímola, puzeram logo de parte a sua attitude hostil quedando se a olhar um para o outro.

O «Escalpelado» exclamou tornando-se pallido:

—Ahi estão os policias... estamos perdidos!...

CAPITULO VII

Nos subterraneos de Vienna

O taberneiro julgára sempre ter seguros os seus cumplices e freguezes, todos auctores dos mais horrendos crimes e cujos planos conhecia. Mas o velho

criminoso havia de reconhecer em breve que o joven assassino educado por elle na escola do vicio, podia dar-lhe lições.

Alois Meuzel, era essa o verdadeiro nome do criminoso a quem o «Escalpelado» chamava Robin, chegára a Vienna aos quatorze annos de idade e logo se habituou a viver entre os criminosos que povoavam os subterraneos viennenses.

D'onde ia e de que meio se valera o rapaz para chegar a Vienna, ninguém sabia, o astuto moço fez-se logo o melhor amigo dos malfeteiros de toda a especie, que não tardaram em aproveitar a sua astucia e intelligencia.

Encarregavam-n'o frequentemente de varias commissões, e d'este modo entrara em relações com o velho «Escalpelado» que confiou innumerous encargos ao rapaz.

No fim de alguns annos, o garoto apresentou-se um dia em casa do taberneiro que era para elle uma especie de tutor, dizendo-lhe que encontrára collocação em casa de um lord inglez e que se ausentava de Vienna.

Durante muitos annos conservou-se ausente e quando tornou a apresentar-se em casa do taberneiro, já não era o rapaz andrajoso e esfomeado de outros tempos, mas transformara-se em um verdadeiro *gentleman* e parecia dispor de muito dinheiro.

Explorava então por sua conta os negocios em alta escala, isto é, commettia roubos importantes, em alguns dos quaes dava sociedade ao taberneiro.

Um dia aproveitando o estado de embriaguez em que se encontrava, o taberneiro conseguiu saber o que o rapaz tinha feito em Inglaterra. Soube que aquelle criminoso tão novo e astuto ganhára pouco a pouco a confiança de um opulento inglez, a quem um dia matou herdando-lhe o nome e a fortuna.

Quando mais tarde o velho taberneiro falou ao rapaz da sua vida passada e lhe disse que estava informado da procedencia do seu dinheiro, Robin enfureceu-se chegando a ameaçar de morte o velho, se ousasse tornar a referir-se áquelle assumpto.

O taberneiro não torou a provocar a furia do rapaz, mas fel-o vigiar e depressa soube que quando se ausentava de Vienna ia para Londres, onde frequentava a alta sociedade sob o nome supposto de lord Canningham.

Quando mais tarde o falso lord conduziu a esposa á taberna, teve que dar algumas explicações ao seu cumplice, que ignorava que elle mudara de estado, tanto mais que a desventurada foi arrastada para ali á força, tendo em seguida um prolongado desmaio. Não obstante, o astuto patife não disse uma palavra que pudesse comprometter o. Odiava o seu antigo

meestre; e havia muito tempo que desejava pregar-lhe uma partida.

Mas assim como o «Escalpelo» vigiava Marzel, este também o vigiava e apoz um trabalho insano conseguiu averiguar onde se encontrava a filha do taberneiro.

Sabia quanto o velho a amava.

Formára já o seu plano e estava prestes a pô-lo em pratica; esperava apenas o ultimo momento, quando pudesse abandonar para sempre a cidade de Vienna, e não tivesse de tornar a ver o taberneiro.

Quando chegou a casa e descobriu que alguém o visitára na noite precedente, deliberou logo ultimar os seus negocios afim de partir sem demora. Só desejava obter a assignatura de sua mulher para realisar os seus projectos e liquidar a sua conta com o «Escalpelo», valendo-se naturalmente dos meios ruins de que os malfeteiros sempre se servem.

Para pôr em pratica o seu ultimo plano, teve a felicidade de encontrar um cumplice.

Na manhã seguinte ao sair da sua residencia para se dirigir ao escriptorio que alugára para não despertar suspeitas, encontrou ahi a sua antiga conhecida «Bomba».

Sem se encomendar a Deus nem ao diabo e em muito poucas palavras, a mulher exigia de prompto uma quantia exhorbitante para guardar silencio sobre o que tivera occasião de saber.

—Não sei a razão porque não hei-de tirar proveito das minhas descobertas dissera a «Bomba». Se não me entregas hoje mesmo o dinheiro, farei com que ambos sejam presos e não ha de faltar na capital quem me pague as confidencias.

Meuzel quedou-se pensativo. Occorrera-lhe uma excellente ideia.

Aquella mulher apparecera-lhe muito a proposito. Não podia sair ainda de Vienna, sem saber o resultado das intrigas do taberneiro com a sua prisioneira.

—Ouve, «Bomba», disse o patife. Creio que odeias muito o «Escalpelo», não é verdade?

—E' uma fera, retorquiu a mulher. Apesar de ser horrorosamente feio, está louco pelas mulheres e como, naturalmente, ninguém o quer, porque é repugnante, serve-se da força bruta que possui e da astucia para as possuir.

—Foi o que succedeu omnigo, que me enganou como uma creança. Tenho-lhe rancor, pois não esqueço essa offensa.

—E tens muita razão. E' um bandido temivel.

—Mas diz-me «Bomba». Que te parece se te prepararmos um plano com o qual não só poderás vingar-te do miseravel mas ainda lhe arrancarás dinheiro?

Como era natural, aquella proposta excitou a cubiza da mulher que logo a acceitou.

Quando Meuzel lhe disse tudo quanto tinha que fazer, a mulher estendeu-lhe a mão, dizendo:

—Bravo! E's Satanaz em pessoa. E' este o melhor caminho para apanhar o satyro. Ah! ha de pagar caro o que me fez. Quanto ao dinheiro dividil-o-hemos entre ambos.

A «Bomba» retirou-se sem se lembrar de pedir o dinheiro a Meuzel, unico fim que ali a levára.

Uma hora depois, a infame estava na estação do caminho de ferro. Trajava decentemente e sem despertar a attenção. Não offercia particularidade alguma a não ser a sua enorme corpulencia, isso porém, não era motivo para despertar suspeitas.

* * *

A alguma distancia da capital, nas margens do Danubio, existe uma pequena povoação.

Na parte mais afastada via-se uma casita de aspecto alegre, construida segundo o estylo da Suissa.

Era de tarde e no jardim situado na parte posterior da casa achavam-se trez pessoas; Maria a filha do criminoso e os seus paes adoptivos.

—Não sei o que pense de meu pae, disse a formosa menina. Ha muito tempo que não escreve. Tenho o presentimento de que lhe succedeu qualquer fatalidade.

—Não ha razão, Maria, para esses receios. Certamente que não tardará a vir visitar-te. Já sabes que sempre que deixa de dar noticias, se apresenta.

Antes que a joven respondesse, appareceu uma creada dizendo:

—Está lá fóra uma senhora de Vienna, que deseja falar á menina.

Maria sobresaltando-se levou a mão ao peito exclamando afflicta:

—Deus meu! Confirmam-se os meus receios. Succedeu alguma coisa a meu pae...

A senhora que fazia as vezes de mãe de Maria, deu ordem para mandar entrar a visitante.

Pouco depois entrou a «Bomba» no jardim. Aproximando-se da joven, exclamou com fingida anciedade:

—E' a menina Maria, não é verdade? Seu pae não faz senão chamal-a ha mais de uma semana.

—Que lhe succedeu?

Esta pergunta que mais parecia o suspiro de um moribundo, tão grande foi a anciedade com que a proferia, teria sido sufficiente para fazer recuar qualquer outra mulher, perante a iniqua acção que a «Bomba» ia commetter.

—Pobre menina! retorquiu hypocritamente. Quanto me penalisa ter que lhe dar a terrivel noticia, mas é preciso... Se quizer ver pela ultima vez seu pae, é preciso que me acompanhe á estação. Vamos tomar o primeiro comboio.

—Está moribundo?

—Quando sahi de Vienna vivia ainda e pedia a todo o momento que lhe fossem buscar a filha.

Maria tinha corrido ao seu quarto para se preparar para a viagem, enquanto os paes adoptivos da joven, seriamente assustados, pediam detalhes á recém-chegada.

—Está doente ha algumas semanas, disse a megera. Já por diferentes vezes tentei avisar sua filha, mas não consentiu receando assustal-a. E' um pae tão estremoso!...

Minutos depois voltava Maria ao jardim, prompta para sair. Despediu-se a chorar dos seus paes adoptivos, e prometteu telegraphar logo que chegasse á capital.

A joven saiu acompanhada pela «Bomba», seguindo do caminho da estação.

Quando o comboio chegou a Vienna, achava-se na estação um rapaz cujo aspecto era de um verdadeiro *apache*. Entendeu-se, por signaes, com a «Bomba».

O rapaz saiu da gare e parou junto de um trem para o qual a «Bomba» se dirigiu, ajudando a joven a subir e tomando logar ao seu lado. Um momento depois o trem punha-se a caminho.

Maria não notou que o rapaz subira para a almofada. Estava tão preocupada com a triste noticia da grave enfermidade de seu pae, que lhe era indifferente tudo quanto a cercava.

Depois de haverem transposto bastante espaço a infame tirou da algibeira dissimuladamente um frasco, lançando o contheudo em um lengo. Voltou-se em seguida para a joven e collocou-lh'o no nariz.

Após breve lucta o narcotico produziu o desejado effeito.

Pouco depois o trem parou.

Encontravam-se no parque denominado de «Pereasa», perto de uma das entradas secretas dos subterraneos.

Meuzel foi o primeiro a serenar do susto que sentiu ao ouvir bater á porta. Por uma escada interior subiu ao primeiro andar chegando a uma janella para ver quem era a importuna visita.

Deu um suspiro de allivio vendo deante da porta um empregado dos telegraphos, que ali fôra em bicyclette. Viu que o rapaz tinha um telegramma na mão.

—Quem está ahí? perguntou o engenheiro assumando á janella.

—Até que emfim! exclamou o empregado dos telegraphos.

—Trago um telegramma urgente e ha mais de uma hora que estou á espera. Julguei que tinham aqui morrido todos.

Poucos momentos depois o taberneiro tinha recebido o telegramma. Apenas leu o seu contheudo, soltou um grito e caiu sem sentidos sobre uma cadeira.

Menzel apanhou o telegramma e leu o. A satisfação que se lhe reflectia no semblante, indicava que os seus planos tinham logrado o mais completo exito. A filha do «Escapelado» fôra raptada, visto que os paes adoptivos da joven perguntavam porque motivo não telegraphava e se o pae tinha morrido.

O taberneiro reanimou-se pouco a pouco. Logo comprehendeu que sua filha havia sido victima de qualquer embusteiro.

Observando que Meuzel estava deveras satisfeito, não duvidou que era obra d'elle.

E soltando um grito de desespero, atirou-se ao seu cumplice, exclamando:

—Miseravell! sabes alguma coisa a este respeito. O brilho diabolico dos teus olhos denuncia-te!... Roubaste-me a minha joia, a minha perola, a minha querida filha!... Diz-me já onde a levaste ou mata-to-te, miseravell!... fêra!... cão!...

Robin recuou um passo, e apontando um revolver ao «Escapelado», disse-lhe ironicamente:

—Apesar de não me importar nada com a minha cara metade, tive de ceder ás tuas exigencias no negocio de ha pouco, e com franqueza, um pouco contrariado.

«Ora, como ha uma lei chamada de «Thalião» vou pagar-te na mesma moeda fazendo de tua filha a minha amante, uma joia em primeira mão.

«O que dizes a isto, meu velho?

O «Escapelado» rugindo como um touro, atirou-se a Meuzel.

Um forte murro pôz termo á excitação do velho.

Ao mesmo tempo Meuzel perguntou com ironia:

—Pois quê: vale tanto a tua filha?

«Escuta-me.

«Maria está em meu poder; tenho-a bem guardada e ninguém poderá tirar-m'a.

«E como saio hoje de Vienna, vaes entregar-me immediatamente todo o dinheiro que me apanhaste durante os annos que te prestei o meu auxilio e mais vinte mil duros como recompensa. Sei perfeitamente

que guardas todo o teu dinheiro n'esta miseravel baraca, e se dentro de um minuto não me entregares o que te peço, podes ter a certeza que a tua filha apodreará na cave.

«E' esta a minha ultima palavra; decide-te depressa».

No momento em que cego de colera o «Escalpelado» ia lançar-se pela segunda vez sobre o seu inimigo, resoaram novamente grandes pancadas na porta da rua.

Foi então Meuzel que disse:

—Chegámos ao final. Está aqui a policia... Conheço a sua maneira de bater.

Sem se preocupar mais com o taberneiro, Meuzel correu para uma porta que fechou atraz de si e desapareceu.

As pancadas succediam-se cada vez com maior violencia.

Voltemos aos policiaes.

O pequeno Wang que observara como Harry tambem saltara o muro, teve grande receio vendo que nenhum dos policiaes reaparecia. Esteve tentado a chamar um guarda, desistiu contudo, receando deitar a perder os planos do mestre.

O pequeno viu bater á porta o empregado dos telegraphos.

Com o maior interesse esperou para vêr quem abria a porta.

Quando viu abrir a janella do primeiro andar e assomar a ella o homem que vira correr pelos telhados e que sabia ser o inimigo do seu mestre, o pequeno perdeu toda a tranquillidade.

—Se este passaro de mau agouro, disse comsigo, chega á janella e pergunta muito serenamente quem está batendo, é porque succedeu alguma coisa ao sr. Sherlock Holmes. Vou portanto correr a avisar os guardas ainda que corra o risco de desgostar o mestre.

Encontrou um policia em uma rua, mas por desgraça não entendia nem o chinez nem o inglez, únicos idiomas que falava o pequeno Wang.

Passava n'aquella occasião um inspector a quem o guarda chamou.

O funcionario não comprehendia o chinez, mas sabia um pouco de inglez. Ouvindo repetidas vezes as palavras «Sherlock Holmes» «saltar muro» e reconhecendo o pequeno que vira já em companhia do

celebre criminalista, comprehendem que o chinez temia que o mestre estivesse em perigo.

Conheedor do grande prestigio que gosava Sherlock Holmes e da consideração e do respeito que as autoridades tinham por elle, decidiu-se a proceder a algumas averiguações para vêr do que se tratava. Demais, o funcionario esperava que a sua intervenção em favor do celebre criminalista, lhe auferiria alguma vantagem: talvez augmento de posto.

Tomada essa determinação não quiz perder tempo, e tratou de dar começo ás suas investigações.

—Brinkmann, disse elle ao guarda. Apite para dar o signal de alarme; precisamos de mais alguns homens.

O guarda apitou e logo acudiram quatro homens, que, precedidos de Wang, se dirigiram com os collegas para a taberna do «Escalpelado Teodoro».

—Será certo ter-se o sr. Holmes mettido aqui? Se assim é, ha realmente motivo para susto, exclamou o inspector. Vamos a vêr, tu, chinez, dize-nos tudo que sabes.

O pequeno que conhecia muito superficialmente a lingua austriaca, envidou os maiores esforços para se fazer comprehender.

Empregando um mixto de chinez e de inglez e valendo-se da mimica mais do que da palavra, conseguiu dar a entender ao inspector o que tinha visto.

O inspector ordenou que entrassem immediatamente na taberna.

As pancadas que os policiaes deram na porta, foram as que haviam assustado os dois assassinos e provocado a fuga de Meuzel.

Por fim o taberneiro foi ver quem batia com tanta insistencia. Ia munido de uma lanterna.

—Que diabo está a fazer, Mollner? Porque não abriu a porta ha mais tempo? Estava a dormir?

—Sim, senhor inspector; ha algumas horas que dormia e bem sabe que quando se está ferrado no somno, não é facil acordar.

—E' um infame embusteiro, Mollner. Ha uma hora que recebeu um telegramma. Não é verdade, Wang?... Mas onde está o chinez?... Wang...

O funcionario olhou em roda, mas foi debalde: o chinez tinha desaparecido.

O inspector ficou admirado d'aquelle inexplicavel desaparecimento, mas n'aquella occasião não podia perder tempo a procural-o.

—Quem tem em casa?

—Não tenho ninguem, o senhor inspector pôde convencer-se.

Procedeu-se a uma rigorosa busca em toda a casa, mas sem encontrar pessoa alguma.

—Abra a porta do pateo.

—Não está fechada, senhor inspector.

—Como assim? Não diga mentiras. A chave.

O «Escapelado» aproximou-se da porta fingendo-se surprehendido por ver que realmente estava fechada.

—Não sei quem foi que... balbuciou.

O inspector lançou um olhar terrivel ao criminoso, e ordenou acto continuo aos guardas que arrombassem a porta.

—Aviso-o, Mollner, que vae pagar muito caro se encontrarmos qualquer coisa suspeita, embora seja insignificante.

O inspector dirigiu-se para o pateo vendo ahi o pequeno Wang.

—Olá, Wang! estás aqui? Foste tu que fechaste essa porta?

Wang, que não comprehendia estas perguntas, seguiu o inspector pelo braço levando-o até á porta do alpendre.

—O que tem n'este alpendre, Mollner?

—Objectos velhos, senhor inspector.

—Onde está a chave?

—Deve estar no armario, ha algumas semanas que aqui não entro.

—Procure-a.

Acompanhado por um policia, o «Escapelado» entrou em casa, d'onde voltou momentos depois com a chave que estava coberta de teias de aranha. O inspector quiz pegar lhe, mas o taberneiro retirou-a bruscamente, dizendo:

—Desculpe, senhor inspector; está muito suja e vae encher as mãos de pó... Ha tanto tempo que não lhe mexial...

O experto criminoso limpou a chave, que elle proprio enchera de teias de aranha passando pela escada onde haviam muitas e entregou-a ao inspector.

Esta bem meditada espezteza enganou o inspector, que tivera primeiro a intenção de proceder a uma busca minuciosa n'aquelle local, mas desistiu vendo o pouco interesse que merecia ao taberneiro, contentando-se em examinal-o muito summariamente.

De facto, o alpendre só continha objectos velhos, caixotes, barris, etc. Como de costume, o malfetor conservava bem tapada a porta do subterraneo.

Os policia tiveram que se retirar, por fim, sem terem conseguido encontrar nada de suspeito nem tão pouco o criminoso Meuzel.

Quando o «Escapelado» ficou novamente só; rangendo os dentes de susto, entregou-se ao mais cruel desespero, pensando que sua filha, o ente a quem mais queria no mundo, se achava nas mãos de Meuzel, d'aquelle patife sem escrúpulos.

Aquelle homem de instinctos de fera, para quem

os mais repugnantes crimes eram meros brinquedos de creanças, aquelle homem que assassinava e roubava a sangue frio, sem que os seus crimes lhe perturbassem o somno, era pae, e tinha pela filha uma verdadeira adoração.

Ao vêr o perigo que a filha corria sentia-se aniquilado, e uma loucura impotente se apoderara de todo o seu ser. Sem a filha não podia viver. e queria salvá-la a todo o custo.

Era justamente a sua unica affeição na terra que devia ser o seu implacavel juiz.

Os primeiros alvoroos do dia surprehenderam o velho que se conservava ainda no quarto que dava para o pateo, martyrisado por crueis remorsos. O criminoso tinha que beber o calix da amargura; tinha que saber como era horroroso ser victima de outros criminosos.

De subito deu um pulo. Occorrera lhe uma ideia luminosa. Talvez fosse ainda possivel salvar sua filha!...

Correu ao armario d'onde tirou a chave do alpendre. Um segundo depois eatava tratando de afastar os objectos que obstruïam a entrada do subterraneo. Entregava-se a esse trabalho com tão grande ardor e excitação, que não notou dois olhos chispantes que o examinavam com grande attenção por entre as taboas de um velho barril. Era o pequeno chinez Wang.

Logo que desobstruiu a passagem, desceu apressado a escada, sem pensar em lançar um olhar em volta de si.

Wang, que se deixara encerrar propositalmente no alpendre, julgando encontrar ali a pista do mestre, retirou-se logo que o taberneiro desapareceu nas entranhas da terra. Assim já o chinez podia guiar os policia até ao local em que se encontravam Sherlock Holmes e o seu ajudante.

...

...

O primeiro pensamento de Harry Taxon ao recuperar os sentidos foi para o mestre. Onde estaria Sherlock Holmes? Era o que mais o preocupava.

Depressa se covenceu que o criminoso que ali o encerrara, era muito pratico na arte de amarrar qualquer, porque ao menor movimento que fazia, as cordas cravavam-se-lhe na carne.

Quando procurava encontrar um meio de se salvar e sair d'aquelle armadilha em que caíra, ouviu perto de si um suspiro, seguido de outros.

Viu logo que estava ali Sherlock Holmes, seu

mestre, e suppoz que estivesse ferido a avaliar pelos gemidos que soltava.

O joven Taxon teve immenso trabalho para reanimar o mestre, pois a syncope tinha sido tão forte, que teve que 'chamar' repetidas vezes e sacudiu o com o corpo já que não podia servir-se das mãos.

O mais importante porém era que o celebre criminalista vivia.

Decorreram algumas horas antes que os policiaes pudessem pensar em libertar-se.

Por fim Sherlock Holmes que fazia heroicos esforços para soffrer a dor que lhe cansavam as cordas, encontrou meio de tentar livrar-se do flagello.

—Tens bons dentes, Harry, disse ao ajudante. Procura desfazer os nós d'estas cordas que me martyrisam o corpo, e veremos quem é o vencedor.

O conselho foi bom, pois graças a elle conseguiram readquirir a liberdade dos movimentos.

Durante algumas horas, Harry esteve trabalhando, mas por fim viu os seus esforços coroados de exito. Quando um dos nós cedera, ouviram passos na escada. Harry interrompeu o trabalho.

Appareceu em seguida luz, e poucos momentos depois achava-se o «Escalpelado» deante dos dois policiaes.

Depois de olhar para ambos em silencio, dirigiu-se a Sherlock Holmes, dizendo-lhe:

—Sei que é o celebre Sherlock Holmes de Londres. Acha-se em poder de um dos seus inimigos mais temiveis, um homem que decidiu matar o e está tratando dos meios de executar o seu plano.

«Ha algumas horas estiveram varios policiaes n'esta casa guiados por um pequeno chinez e que vinham em sua procura. Como o não encontraram desistiram do seu intento; pode inferir do que lhe digo que está em uma prisão muito segura. Não poderá d'aqui sair.

Após este exordio, o taberneiro quiz que Sherlock Holmes lhe desse a sua palavra de honra que o deixaria em liberdade e procurar-lhe-ia a filha, offerecendo-lhe, em troca, livral-o a elle e a Harry d'aquella prisão.

«Sou, disse um criminoso, um homem indigno de viver entre os seus semelhantes, mas sou pae, e adoro minha filha mais que a propria vida, mais do que Deus, em cuja existencia nunca acreditei.

«E esse Deus castiga-me n'este momento como eu mereço. Confesso os meus crimes e arrependo-me. Serei de futuro o contrario do que tenho sido, mas restitua-me a minha filha, procure-a, porque para o senhor não ha difficuldades.

«Dentro d'esta casa ha uma verdadeira fortuna, guarde para si a que quizer, e o resto distribua pelos pobres.

«Que o producto dos meus crimes, vá ao menos mitigar a fome a tantos desgraçados.

«Só desejo viver pera minha filha, e trabalhar honestamente para mover o seu sustento.

Sherlock Holmes não podia acceitar semelhante proposta; impedia-o a sua dignidade profissional. Deu ao criminoso a sua palavra de honra que procuraria a filha, mas a sua liberdade não podia garantil a.

Ainda estava falando, quando de subito ouviram a voz do chinez Wang que gritava:

—Sr. Holmes, ali. Wang ouviu lhe a voz

Passados alguns minutos o corredor subterraneo achava-se cheio de guardas, e os dois policiaes foram postos em liberdade.

O «Escalpelado» foi algemado e levado pelos policiaes.

Sherlock Holmes porém não tinha terminado a sua missão, tinha que dar liberdade á desgraçada esposa do monstro.

Começou portanto, com o auxilio dos guardas a revistar todos os cantos do subterraneo.

Acenderam archotes e depressa desapareceram no asqueroso labyrintho.

Tiveram que passar sobre aguas pestilentas, atravessaram galerias e corredores... aquelle caminho parecia interminavel.

Depois de procurar por todos os lados, o guia, um velho policia que fizera já algumas batidas pelos subterraneos de Vienna, exclamou:

—Só nos falta um sitio, seuhor Holmes. Se ahi não encontrarmos nada, não sei mais onde procurar. Do lado opposto ha um grande espaço que esta gente conhece pelo nome de «El Castillo». E' onde se refugiam os criminosos mais temiveis; a maioria dos que pullalam por estes caminhos são os mendigos e os aprendizes na escola do crime.

Dizendo estas palavras, metteu-se pela agua negra de um canal, seguido pelos companheiros.

—A ponte está baixa, murmurou emocionado. Isto indica que alguem aqui passou.

O velho policia parou um momento para escutar perto da entrada.

—O que é? Aqui está gente!

Avançou resolutto seguido de Sherlock Holmes e de Harry Taxon armados de revolvers.

Os intrepidos policiaes depararam com um quadro horrivel. Dois malvados seguravam uma formosa joven, e procuravam arrojá-la á agua pestifera. A poucos passos, estendido sobre uma porção de palha, achava-se um ser humano; uma infeliz mulher que mais parecia um esqueleto. Os seus ossos descarnados estavam cobertos com uns tristes farrapos... produzia uma impressão difficil de esquecer.

Guiados por Sherlock Holmes que se pôz á frente seguido de Harry, avançaram os guardas, com os archotes accessos, ao encontro dos miseraveis.

Estes vieram-se perdidos.

Comtudo queriam completar a sua vingança. Antes que os polícias pudessem evitá-lo, arrojaram a desventurada filha do taberneiro ás immundas aguas do canal.

Quasi ao mesmo tempo Meuzel disparou o revolver repetidas vezes contra os que acudiam. Queria assegurar-se a retirada, mas era tarde.

Dois guardas caíram exanimés alcançados pelos tiros do assassino, mas ao mesmo tempo attingiu o malvado uma bala certeira do genial criminalista, tirando assim trabalho ao executor da justiça.

O que estava com elle, foi preso.

Pouco depois os polícias penetravam na cova onde a pobre ingleza passava martyrios havia mezes. A infeliz victima d'aquelles miseráveis tinha o corpo n'um estado lastimavel... Aquella mulher cuja formosura havia sido deslumbante, parecia um cadaver.

Sherlock Holmes, que nunca deixava trahir as suas commoções não poudé impedir-se de ter quaiis um imperceptível estremeamento

Aquelle quadro era tão horrivel, e tão digna de lastima aquella mulher, que o coração mais impederido se sentiria commovido.

Breve porém readquiriu a sua proverbial impassibilidade, e dirigindo-se á infeliz perguntou:

—E' bem miss Moby Worthington?

—Sim, sou eu, ou antes, a sua sombra.

E lagrimas se lhe deslisaram pelas maceradas faces!

—Felizmente, miss, terminou o seu martyrio, e vae voltar á luz do dia, á liberdade, á vida, de que por tanto tempo esteve privada.

«O seu carrasco pagou com a vida todos os seus crimes, e de futuro nada tem já a temer.

A desgraçada parecia não o ouvir.

O seu olhar vago, quasi sem expressão, fixava-se debilmente em Sherlock Holmes.

Este tomou-a entre os braços robustos, e entregou-a a Harry Taxon para que a amparasse.

Mas antes sentiu na mão um debil beijo, e ao retirar-lagrimas de agradecimento lh'a orvalhavam.

Era realmente um quadro commovedor.

Alguns dos guardas puzeram-se em busca do corpo da joven que desapparecera nas aguas turvas do

canal, enquanto tiravam Moby do seu tumulto para a levarem para o ar livre.

Quando respirou o ar fresco e viu o ceu azul, a desventurada desmaiou. Foi conduzida a um hospital onde passadas algumas semanas de sollicitos cuidados poudé, por fim, restabelecer-se dos seus soffrimentos.

A filha do taberneiro não poudé ser tirada do canal. No dia seguinte foi encontrado o seu cadaver.

Quando, durante o processo que se havia instaurado, o taberneiro recebeu a noticia da morte da filha, foi tão violenta a commoção que soffreu, que rompeu n'uma gargalhada nervosa, horrivel. Enlouqueceu e não poudé ser julgado responsavel pelos seus numerosos crimes.

* * *

Pouco tempo depois Sherlock Holmes e Harry Taxon haviam descoberto os numerosos crimes commettidos por Meuzel.

Tinha assassinado seu amo, lord Cuningham, que o tirára da lama em que se atolava, com a boa intenção de fazer d'elle um homem de bem. Apoderou-se da enorme fortuna do lord e tomou-lhe o nome e o titulo. Sob o nome do engenheiro Meuzel, seduzira a filha, e como lord Cuningham enganára a mãe. E não contente com isso, apoderára-se da fortuna de ambas.

Emquanto conservava a filha sequestrada, com cuja morte queria receber varios seguros de vida, assassinou a mãe, afim de evitar que lhe descobrisse as intrigas.

Logo que terminou o caso Meuzel-Cuningham, Sherlock Holmes tencionava regressar a Londres, mas não poudé fazel-o. Teve que demorar-se em Praga onde novamente se lhe apresentou occasião para mostrar as suas brilhantes faculdades e inegalavel engenho. Esta nova aventura e seus interessantissimos detalhes serão narrados em um dos proximos numeros.

FIM

~~~~~  
Ler no proximo numero:

O athleta desapparecido  
Aventuras extraordinariad'um policia secreta



# NICK CARTER

O celebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionais de incomparavel delective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA 100 rs.

Não existe um americano, seja elle quem iôr, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimo d'este famo-o agente, o inspector Mc Clusk, o grande director da policia criminal de New York, verdadeiramente se conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual devidamente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais inacreditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos lances, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horriveis antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobres orgias.

**OS MYSTERIOS DE NOVA YORK** cidade que, outr'ora simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embragadora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um gatinho de 3 em 3 minutos; um assassino de 8 em 8 horas; onde as grufões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade e todos os seus mysterios conhece-os **NICK CARTER**

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, fórma um episodio completo.

Volumes publicados:

O rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio femenino 4. O cadaver falsificado 5. O ultimo crime de Carruthers. 6. O rapto d'um noivo. 7. Visinho mysterioso. 8. Caca aos milhões. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos gatinhos. 11. O rapto da duqueza 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de botata. 14. O homem da mão de ébano. 15. As joias de Mr. Hackett.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

EMPRESA LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial, 23, LISBOA

Quadros synopticos

de BOTANICA

PARA A

4.ª e 5.ª classe dos lyceus

Esta obra é d'uma grande utilidade para os alumnos que frequentarem qualquer d'estas duas classes, tendo por fim poupar o tempo que os estudantes teriam de perder se estudassem pelos livros adoptados. Os

Quadros synopticos de Botanica

vieram preencher uma lacuna que existia ha muito no nosso meio escolar.

Prego 200 reis

COMO SE CONQUISTAM MULHERES

Conselhos a um rapaz

1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

LEIAM TODOS:

O conquistador de criadas

Militante romance d'aventuras galantes

Um grosso volume com capa artistica e esplendidas gravuras 300

MEMOIRAS D'UMA PRATEIRA

Assumpto empolgante

O livro mais discutido em França, onde causou enorme sensação

Um grosso volume, edição de luxo, com bella capa artistica 600 reis

# Invasão Amarella

pelo capitão DANRIT

Um irresistivel movimento da raça mongolica, uma terrivel convulsão dos povos que habitam a Asia lancara dentro de poucos annos o Oriente sobre o Occidente. Pela entrada secular das antigas invasões amarellas, Chinezes e Japonezes correrão á conquista da velha Europa, ferozes e implacaveis guerreiros de Attila Tchengis Kan!

A Invasão Amarella a par das situações verdadeiramente empolgantes de que o auctor d'esta grandiosa obra enriqueceu o seu maravilhoso livro, fere-se tambem nella, com inexcitavel mimo, a nota sentimental, baseada n'um amor que leva aquelles que o partilham a prat car os mais audaciosos actos de heroismo.

60 rs. contendo sempre um episodio completo Cada numero 60 rs.

Numeros publicados

1 O Rei do Pacifico, 2 O Phantasma do Oriente, 3 Em St. Petersburg, 4 Em ca minho de ferro, 5 Sobre um vulcão, 6 Na zona insubrica, 7 Anjo e demonio 8 O Campo dos Supplicios, 9 Aventuras d'um reporter, 10 Illusões perdidas 11 A vaga humana 12 Amor louco 13 O espectro do passado 14 Supplicio d'um pae 15 Missão terrivel 16 A fuga para o Caespio 17 A batalha russa 18 Em Moscow 19 Morte do ultimo Hohenzollern 20 (e ultimo) De Berlim a Paris

A VIDA D'AVENTURAS

60 rs. CADA OBRA 60 rs.

## Texas Jack

♦ ♦ O Terror dos Indios ♦ ♦

A vida do celebre aventureiro americano, cujo nome corre do norte a sul no mundo yankee, como o d'esses heroes narradores de antigas eras, é narrada nas aventuras novas que constituem a primeira serie da Vida d'Aventuras com todo o colorido a que se presta a figura do incomparavel gauch e a selvatica região onde decorrem os episodios.

Os titulos das obras já publicadas são os seguintes:

1. Um Heros de sessenta annos. 2. Os corvos da California. 3. Milhet demonio. 4. Massacre de Camp-Lenester. 5. O ultimo rei dos Comanches. 6. Os pesquisadores d'ouro do Arizona. 7. Texas-Jack, policia. 8. O Castello Mysterioso. 9. O segredo do caçador. 10. Desforça sangrenta. 11. O martyrio da virgem loira. 12. Vingança do Jommon. 13. Corrida para a morte. 14. A rainha dos bandidos. 15. Como Texas-Jack encontrou seu pae. 16. A mala posta de Farmington. 17. O ladrão de milhões. 18. As ruínas de Bismarck. 19. A destruição de Troya. 20. Barnum e Texas 21. Cariti, o Salvador. 22. O banção negro do Texas. 23. O feiticeiro do Prescott-Park. 24. Por ares e ventos. 25. Uma batalha subterranea. 26. O casamento de Texas-Jack. 27. A revolta dos negros mexicanos. 28. O mercador de fôrças. 29. A fonte da Morte. 30. Aventuras de 3 garotos no Far-West. 31. Um crime no deserto. 32. A ultima rainha dos Uah. 33. Bob, o Taciturno. 34. Um saque ao comboio do Pacifico. 35. O Bufalo infernal. 36. A captura dos 1200. 37. O desaparecimento do Lago dos Uroas. 38. Morte de Jumper. 39. A noite sangrenta de S. Francisco. 40. O assalto ao Forte Mac-Rae. 41. O testamento do ermita. 42. Dente por dente. 43. O rei dos lutadores. 44. O lago dos crocodilos. 45. Um drama n'um tunnel. 47. O falso explorador. 48. A batalha do Monte dos Espiritos. 49. Aventuras d'um noivo. 50. O milagre do ar. 51. Fagulhas d'um lord 52 A bandeira do regimento. 53 O martyrio d'um missionario 54 A cavallada do rei da campina 55 O mysterio da floresta virgem

EMPRESA LUSITANA EDITORA

Calçada do Ferregial, 23—LISBOA



**Prezzo 700 rs.** Elegantemente cartonado. **Prezzo 700 rs.**